

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esalq.usp.br/hortibrasil

ESPECIAL BATATA

Custos de produção em alta nos últimos anos

Vamos além para produzir e alimentar mais.

A DuPont disponibiliza tecnologias de alta performance através do Programa Batata, que contribuem para melhorar a qualidade e a produtividade da sua lavoura. E você pode comprovar a eficiência nos campos tratados nas regiões produtoras de batata no Brasil. Para ir além mais uma vez, descubra DuPont Programa Batata.

Tradição e confiança na obtenção dos melhores resultados.



PREVENÇÃO

Prevenção da lavoura proporcionando vigor e qualidade desde o início.



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO. Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

Copyright © 2014 DuPont. Todos os direitos reservados. DuPont Oval Logo, DuPont™ e todos os produtos mencionados com ® ou ™ são marcas ou marcas registradas da E. I. du Pont de Nemours and Company ou de suas afiliadas. Kocide® WDG: marca registrada no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) como Kocide® WDG Bioactive. Set/2014



DuPont Programa Batata

**DuPont™
Equation®**
fungicida

**DuPont™
Curzate®**
fungicida

**DuPont™
Midas® BR**
fungicida

**DuPont™
Kocide® WDG**
fungicida

**DuPont™
Rumo® WG**
inseticida

**DuPont™
Premio®**
inseticida

**DuPont™
Lannate® BR**
inseticida



PERFORMANCE

Eficiência na utilização de
produtos de alta performance,
com resultados comprovados.

Para mais informações:

TeleDuPont 
0800 707 55 17 Agrícola
www.dupontagricola.com.br

Oficina de Registro e Fiscalização de Agrotóxicos e Afins



MBA
ESALQ/USP - PECEGE

•Agronegócios •Agroenergia
•Gestão de Negócios

Inscreva-se

pecege.esalq.usp.br | Tel.: (19) 3377-0937
comunica@pecege.esalq.usp.br

 mbaesalqusp

EDITORIAL

10 ANOS DE ESPECIAL BATATA

Com esta edição, a **Hortifruti Brasil** completa 10 anos de publicação do *Especial Batata*. As oito últimas edições foram especialmente dedicadas à análise da gestão sustentável da bataticultura, utilizando-se como ferramenta principal a apuração e análise dos custos totais de produção.



Felipe Cardoso (esq.) e João Paulo Deleo são os autores deste *Especial Batata*.

Nesses 10 anos, paralelamente ao aprimoramento da metodologia Cepea de análise da sustentabilidade das unidades de produção agrícola, aumentaram também o número de regiões e os perfis de propriedades analisadas. Vargem Grande do Sul (SP) figura em todos os *Especiais Batata* da **Hortifruti Brasil**. Lá, as pesquisas começaram em 2006, mas foram extrapoladas para 2005 – descontando-se a inflação do período –, tendo em vista que, conforme se apurou, não houve variação significativa entre aquelas temporadas. Outra região “cativa” dos *Especiais Batata* é o Sul de Minas, onde a pesquisa de custo de produção se iniciou na safra 2008/09 e também é atualizada anualmente.

Em comemoração aos 10 anos do *Especial Batata*, a **Hortifruti Brasil** avalia o desempenho da rentabilidade da bataticultura nessas duas regiões do início da pesquisa até a safra mais recente. No caso do Sul de Minas, a análise alcança o período de 2008/09 a 2013/14. Todos os valores, das duas regiões, foram corrigidos com base no IGP-DI de agosto de 2014.

A conclusão principal – para além dos números de Vargem Grande e Sul de Minas – é que o setor se mantém competitivo. A exemplo de outros do agronegócio brasileiro, tem conseguido expressivos avanços de produtividade e, com isso, abastece a sociedade brasileira com produto de boa qualidade e a preços, na maioria das vezes, baixos. Essa contribuição ao consumidor, no entanto, tem custado a saída de muitos bataticultores. As margens são apertadas e o negócio apresenta-se viável basicamente para aqueles que conseguem equilíbrio entre alta produtividade agrícola e gestão saudável dos custos. Essa receita – a da “eficiência dos fatores de produção” – é a mesma de todos os setores competitivos do agronegócio. Apesar de bem conhecidos os seus ingredientes, é sabido, difícil é acertar o ponto. Acompanhe as apurações detalhadas da equipe **Hortifruti Brasil**.



Anote: truque simples ajuda a retardar o amadurecimento da banana!

Por Júlia Garcia

Bastante popular entre a população brasileira, a banana fornece uma valiosa combinação de carboidratos e micronutrientes essenciais e de fácil assimilação. Apesar de suas propriedades nutricionais, a fruta apresenta uma peculiaridade que muito incomoda aos seus consumidores: amadurece muito rápido. Isso ocorre devido ao processo de oxidação conhecido como "escurecimento enzimático". Quando os tecidos da banana são danificados, enzimas são liberadas, podendo levar a perdas na roça, supermercado e na casa do consumidor. Para evitar tal processo, basta cobrir o topo das bananas com um plástico de modo a evitar que o oxigênio entre em contato com o caule da fruta. O menor contato com o oxigênio reduz a velocidade de oxidação da banana, prolongando sua cor e consistência. Vale a pena tentar!



Hoje temos menos pessoas com fome no Brasil!

Por Leticia Julião

Entre 2000 e 2006, os desnutridos no Brasil caíram de 10,7% para menos de 5%. Esse é um dos resultados do relatório divulgado em meados de setembro pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO/ONU), Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (IFAD) e Programa Mundial de Alimentos (WFP). A fome no mundo também diminuiu! Porém, 805 milhões de pessoas ainda estariam desnutridas em 2012/14 – um em cada nove habitantes. Apesar dos números ainda elevados, estamos no caminho da erradicação da fome no mundo. A meta é reduzir pela metade o número de pessoas subnutridas de 1990 até 2015. Vinte e cinco países já cumpriram esse objetivo, e o Brasil é um deles. Para erradicar a fome, a produtividade agrícola tem que continuar aumentando. Aí está o papel do agronegócio! De 2000 a 2010, estudos do coordenador do Cepea, professor Geraldo Barros, mostram que a produtividade da agropecuária cresceu 73% – enquanto que a produtividade do conjunto da economia permaneceu praticamente estável – e a produção agro, 65%.



Agora vai! Chuva volta de vez em outubro

Por Daiana Braga

A primavera começou em setembro e, com ela, cresce a esperança de que as chuvas finalmente se regularizem. Conforme previsões da Somar Meteorologia, as chuvas devem vir especialmente a partir do fim de outubro, justamente nas regiões mais afetadas pela seca. Até novembro, a expectativa é que as chuvas fiquem um pouco acima da média na região Sul, em parte de São Paulo e interior do Nordeste; apenas em Minas, podem ficar abaixo da normal durante a estação. Apesar das notícias animadoras, as precipitações ainda não devem recompor satisfatoriamente reservatórios como o do Sistema Cantareira. Por enquanto, a umidade reduz o déficit hídrico dos solos, mas só depois é que os mananciais poderão ter seus níveis mais elevados. De qualquer forma, é um começo!

A HF Brasil por aí

Nos dias 27 e 28 de agosto, João Paulo Deleo e Felipe Cardoso, organizadores do *Especial Batata* desta edição, foram a campo levantar o custo de produção de batata em Vargem Grande do Sul/SP (foto 1) e no Sul de Minas Gerais (foto 2). No dia 11 de setembro, a **Hortifruti Brasil** visitou a Ceagesp. As "Amandas" Silva e Abdo, junto com Renata Pozelli (foto 3) encontraram Édmo e Coronel, da empresa Terra Viva. Na companhia de Amanda e Renata, Gabriela Rasera visitou o atacadista Alex Gomes (foto 4) e também Aílton Xavier, comerciante de folhosas (foto 5).



1



3



2



4



5

OPINIÃO



Por onde passam os HFs?

Muito interessante a matéria. Mostra os gargalos do sistema logístico. Embora os preços dos pedágios sejam significativos e impactem no valor do frete, ganhamos em segurança, e isso é muito importante. Acredito que os principais desafios que o setor ainda deve enfrentar são as embalagens e o alto custo do frete refrigerado. Devemos fazer um estudo mais acurado do custo benefício do frete com caminhão refrigerado versus a redução de perdas e

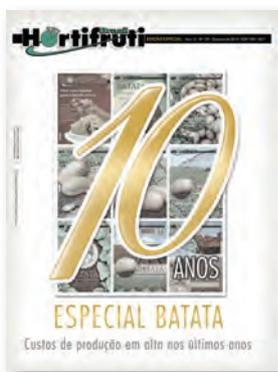
também com a adoção de embalagens mais caras, mas com maior capacidade de proteção.

também com a adoção de embalagens mais caras, mas com maior capacidade de proteção.

Paulo Roberto Medeiros da Silva – Marília/SP

Achei o estudo muito bom, com elevado grau de especificidade e aprofundamento. Não acredito que, para um país territorial como o Brasil, o melhor caminho seja o uso apenas do modal rodoviário, mas, sim, uma integração com o aeroviário. Para se reduzir o desperdício de alimentos durante o transporte, toda a cadeia (produtor, beneficiadores, distribuidores, supermercados e outros) deverá aprender a conservar melhor o alimento e a usar ainda mais o frio e atmosfera modificada. Sugiro uma matéria

CAPA 8



O Especial Batata completa 10 anos em 2014 e, nesta edição, a **Hortifruti Brasil** faz uma avaliação da evolução dos custos da bataticultura. Confira os resultados!

FÓRUM 41

Produtores de Vargem Grande do Sul e do Sul de MG comentam a evolução dos custos de produção na cultura de batata. Leia a opinião deles no Fórum desta edição.

SEÇÕES

TOMATE		26
CENOURA		28
CEBOLA		29
BATATA		30
FOLHOSAS		32
MELÃO		34
BANANA		35
UVA		36
MAMÃO		37
CITROS		38
MAÇÃ		39
MANGA		40

EXPEDIENTE

A **Hortifruti Brasil** é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos:

João Paulo Bernardes Deleto, Renata Pozelli Sabio, Letícia Julião e Larissa Gui Pagliuca

Editora Executiva:

Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável:

Ana Paula Silva Ponchio MTb: 27.368

Revisão:

Daiana Braga, Alessandra da Paz, Flávia Gutierrez e Flávia Romanelli

Equipe Técnica:

Amanda Abdo Pereira, Amanda Rodrigues da Silva, Ana Luísa Antonio Pacheco, Bruna Abrahão Silva, Fabrício Quinalia Zagati, Felipe Cardoso, Felipe Vitti de Oliveira, Fernanda Geraldini Palmieri, Flávia Noronha do Nascimento, Gabriela Boscariol Rasera, Isadora do Nascimento Palhares, João Gabriel Ruffo Dumbra, Júlia Belloni Garcia, Lucas Conceição Araújo e Matheus Marcello Reis.

Apoio:

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:

Guia Rio Claro.Com Ltda
19 3524-7820

Impressão:

www.graficamundo.com.br

Contato:

Av. Centenário, 1080

Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429-8808

Fax: 19 3429-8829

hfcepa@usp.br

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista **Hortifruti Brasil** pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.



HF BRASIL NA INTERNET

Acesse a versão on-line da **Hortifruti Brasil** no site:

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

@hfbrasil

@hfbrasil

@revistahortifrutibrasil

hortifrutibrasil.blogspot.com

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
ou para: hfcepea@usp.br

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

mais abrangente, que mostre a logística de quem exporta e a qualidade com que chegam os produtos brasileiros nas gôndolas internacionais.

Fábio Moretto – Matão/SP

É com muita satisfação que recebo o meu primeiro exemplar da revista Hortifruti Brasil. Parabéns pela qualidade do material gráfico e pela diagramação dos conteúdos; parabéns também aos especialistas consultados para a elaboração desta brilhante edição.

Leandro José Alves – Rio Branco/AC



Ainda sobre a edição de Embalagens

O assunto é bastante relevante nos dias atuais, porque consumidores estão cada vez mais exigentes com a aparência, apresentação e conservação dos alimentos que consomem. Acho ultrapassada a caixa de madeira. Temos de valorizar embalagens

que agridam cada vez menos o meio ambiente. Acho que não podemos afirmar que a entrega a granel acabará, mas a tendência é diminuir, partindo para produtos embalados, práticos e que proporcionem menos desperdício.

Ivan Magnabosco Vieira – Vargem Grande do Sul/SP

Apreendi muito com a matéria. O maior problema da caixa de madeira é com relação às contaminações que ocorrem em função da porosidade aliada à umidade e às perdas ocasionadas pela má confecção das caixas. Se essas caixas fossem bem higienizadas e bem elaboradas, não as veria como um grande problema. As que devem predominar são as caixas de plástico, papelão e isopor. O apelo para se reduzirem as perdas de alimentos vem crescendo ano após ano, e não vejo como diminuir perdas sem que o transporte a granel seja substituído por outra modalidade

mais funcional e menos danosa aos alimentos.

Hilário Debiasi – Criciúma/SC

A embalagem de madeira é biodegradável e não precisa ser retornável em casos, por exemplo, de regiões contaminadas com doenças como a *sigatoka* negra da bananeira. Vejo as caixas de madeira como uma opção, uma estratégia a mais, mas para alguns casos especiais. A tendência desse setor é o uso de embalagens biodegradáveis ou recicláveis associadas ao transporte em caminhões frigorificados.

Cláudia Sales Marinho – Campos dos Goytacazes/RJ

Ótima abordagem sobre o assunto, pois possibilita que um maior número de pessoas conheça a importância da embalagem na apresentação dos produtos, sua conservação, sanidade e facilidade na exposição. As embalagens plásticas devem continuar predominando no acondicionamento de frutas e hortaliças, são de fácil higienização e não provocam tantos danos mecânicos nos produtos, sem contar que podem ser 100% recicladas.

Francisco Ernesto Guastalli – Piracicaba/SP

Muito apropriado o tema. As caixas de madeira são, sanitariamente falando, inadequadas, apesar de na maioria dos casos serem mais baratas que as de plástico e papelão. A tendência é de acabar com as embalagens de madeira e se consolidar as embalagens de papelão e plástico.

André Guyot – Avaré/SP

A embalagem é muito importante do ponto de vista logístico, pois aumenta a vida de prateleira dos produtos, reduzindo desperdícios. Serve também como um incrementador de vendas, pois sabe-se que o consumidor brasileiro consome “pelos olhos”. Do ponto de vista da sustentabilidade, acho que as embalagens que devem ter espaço no setor de frutas e hortaliças são, em primeiro lugar, o papelão, que é reciclável, e caixa plástica, dada a facilidade de higienização.

Paulo Roberto Medeiros da Silva – Marília/SP



Yahto

Couve-Brócoli Híbrido F1

 **FELTRIN**
SEMENTES

Uma
empresa
voltada para o
futuro

DISK FELTRIN: (54) 2109.4400 - WWW.SEMENTESFELTRIN.COM.BR

ESPECIAL BATATA: GE

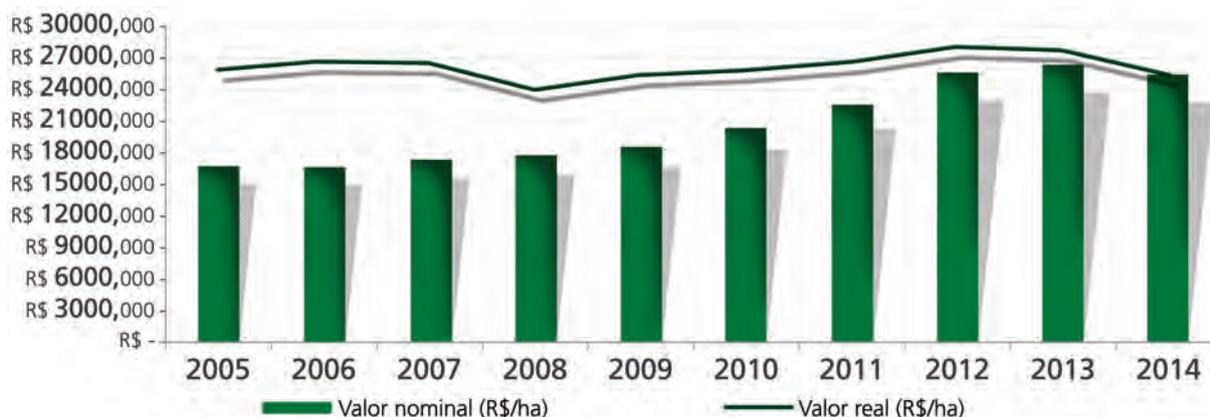
CUSTOS DE PRODUÇÃO E

O clima mais seco deste ano quebrou a sequência de aumento dos custos da batata que se verificava desde o início das pesquisas da **Hortifruti Brasil** em Vargem Grande do Sul (SP). De 2005 a 2013, cultivar um hectare de

batata custava sempre mais que no ano anterior – sem se considerar a inflação que transcorre no ano. Já em 2014, dados preliminares – a colheita está em andamento – apontam diminuição frente a 2013. O produtor chegou a gastar

CUSTO DA SAFRA DE INVERNO SOBE 52% EM 10 ANOS

Evolução dos custos totais de produção em Vargem Grande do Sul (SP) – R\$/hectare

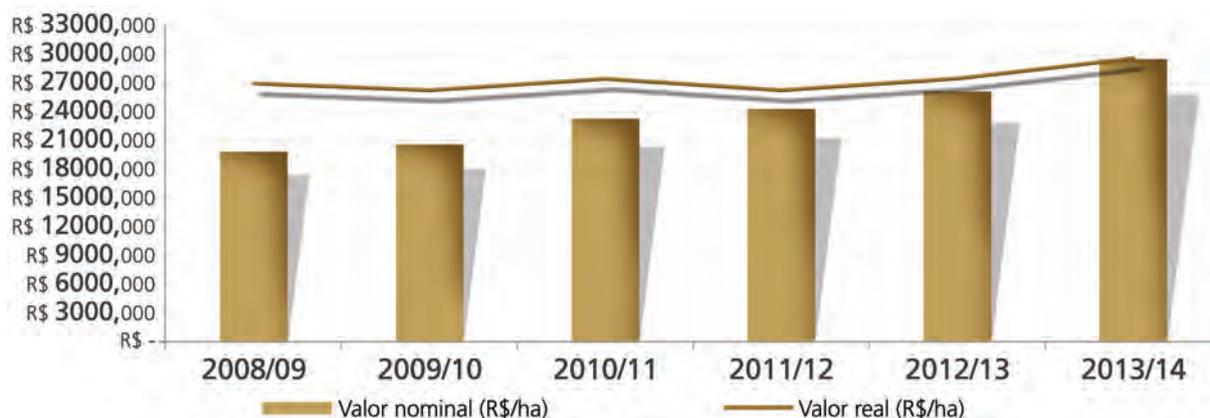


Fonte: Cepea

Nota: o valor real foi obtido por meio da correção do custo (nominal) entre 2005 e 2014 pela inflação medida pelo IGP-DI - valores de agosto de 2014.

CUSTO NA SAFRA DAS ÁGUAS SOBE 48% EM 6 ANOS

Evolução dos custos totais de produção no Sul de Minas – R\$/hectare



Fonte: Cepea

Nota: o valor real foi obtido por meio da correção do custo (nominal) entre 2008 e 2014 pela inflação medida pelo IGP-DI - a valores de agosto de 2014.

STÃO SUSTENTÁVEL M ALTA NOS ÚLTIMOS ANOS



mais com inseticida, mas despendeu menos com fungicida, além do que optou por moléculas mais baratas, tendo em vista que a incidência de doenças foi relativamente baixa. O resultado foi custo 3,8% menor por hectare ou 10% a menos por saca, já que a produtividade aumentou de 650 para 700 sacas de 50 kg por hectare.

No acumulado de 2005 a 2014, no entanto, o custo total de produção da batata (R\$/hectare) em Vargem Grande do Sul avançou 52% em termos nominais. Se a conta for feita até 2013 – deixando-se de lado 2014, considerando atípico –, a elevação é de 59%. Comparando-se com a inflação, entre agosto de 2005 e agosto de 2014, o índice IGP-DI (comportamento geral dos preços da economia) subiu 65%. Os custos da batata, portanto, avançaram menos que a inflação.

Já no Sul de Minas, onde a pesquisa da **Hortifruti Brasil** sobre custos da batata começou em 2008/09, o acumulado até 2014 é de 48%, superior, neste caso, aos 35%

do IGP-DI do mesmo período.

A análise detalhada da estrutura de produção nessas duas regiões traz informações relevantes para o entendimento do desempenho do setor.

Mesmo com o ganho de produtividade importante no período – cerca de 17% em Vargem Grande do Sul e de 10% no Sul de Minas –, os custos por saca também subiram em termos nominais. No caso de Vargem Grande do Sul (SP), o aumento do custo (R\$/sc) foi de 31% em 10 anos e, no Sul de Minas, onde o avanço da produtividade nos últimos seis anos foi menor, o aumento do custo (R\$/sc) é contabilizado em 40%. O ganho de produtividade, portanto, permitiu que, em termos reais, produzir batata atualmente custe bem menos que há 10 anos em Vargem Grande do Sul. Já nos últimos seis anos, os resultados do Sul de Minas mostram que, mesmo ao se considerar a elevação da produtividade, o produtor de batata ainda arca com aumento de custo acima da inflação geral da economia.

MÃO DE OBRA É O GRANDE GARGALO DA PRODUÇÃO

Mas, o que mais onerou no custo de produção (R\$/ha) nos últimos 10 anos? Entre os itens que apresentaram reajustes acima da inflação, o destaque é claramente a mão de obra, que se valorizou 166% acima da inflação (IGP-DI) quando se analisa o gasto por hectare – este item inclui toda a de mão de obra empregada na atividade, exceto o *pró-labore* do produtor. Mesmo ao ser analisada face ao dispêndio por saca colhida – o que inclui o avanço da produtividade da lavoura –, a mão de obra ainda apresenta reajuste 83% acima da inflação.

Por outro lado, os itens que subiram menos que a inflação nos últimos 10 anos estão relacionados às operações mecânicas de preparo do solo, manejo e colheita. O custo do capital também diminuiu nesse período devido à queda da taxa de juros básica.

Apesar da percepção geral de que o valor da terra segue tendência ascendente, no caso do arrendamento

de batata na região de Vargem Grande do Sul (SP), esse reajuste foi menor que a inflação medida pelo IGP-DI. Em termos reais, o arrendamento de um hectare, atualmente, custa menos que há 10 anos. No caso dos insumos, o aumento dos gastos acompanhou a inflação. Em valores reais, o custo praticamente se manteve em 10 anos. O preço da batata semente, por outro lado, teve recuo em valor real.

E, nos últimos seis anos, como foi o comportamento da safra de verão? Os principais itens que compõem o custo de batata na safra de verão na região do Sul de Minas subiram mais que a inflação. No balanço, o custo por hectare na região mineira, entre as safras 2008/09 e 2013/14, elevou-se 9,4% acima da inflação no período. Isso ocorreu devido ao uso mais intensivo de tecnologia. Esse investimento, por sua vez, proporcionou aumento da produtividade, tanto é que o custo por saca manteve-se

praticamente estável ao longo do período.

A exemplo do observado em Vargem Grande do Sul (SP), o custo da mão de obra por hectare foi o que mais se elevou no Sul de Minas. Comparando-se as safras

2008/09 e 2013/14, esse item teve reajuste 200% acima da inflação (IGP-DI). Mesmo avaliando-se por saca – inclui-se o ganho de produtividade –, nos últimos seis anos, o custo da mão de obra elevou-se 73% em valores reais.

EVOLUÇÃO DOS CUSTOS NOS ÚLTIMOS 10 ANOS EM VARGEM GRANDE DO SUL (SP)

Itens	2005*	2014	Varição (%) 2005 - 2014
(A) Insumos	5.902,78	5.972,83	1,20%
(B) Semente	5.703,83	4.375,00	-23,30%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	625,77	488,15	-22,00%
(D) Operações mecânicas para tratos culturais e amontoa	512,86	655,05	27,70%
(E) Irrigação	1.306,97	897,74	-31,30%
(F) Operações para colheita mecânica (arranquio)	335,58	198,06	-41,00%
(G) Mão de obra	620,25	1.649,94	166,00%
(H) Catação no sistema de colheita semi-mecanizado	1.000,51	1.610,00	60,90%
(I) Custos administrativos	411,92	796,01	93,20%
(J) Comercialização/Beneficiamento	4.394,75	4.690,00	6,70%
(K) Arrendamento	2.662,10	2.066,12	-22,40%
(L) Financiamento de Capital de Giro	1.318,97	1.034,50	-21,60%
(M) Custo Operacional (CO) = A+ B +...+L	24.995,31	24.433,39	-2,20%
(N) CARP	938,09	952,63	1,50%
(O) Custo Total (CT) = M + N	25.932,23	25.386,01	-2,10%
Produtividade - sc de 50 kg	600	700	10,00%
Custo (R\$/sc)	43,22	36,27	-11,00%

* O valores reais foram obtidos por meio da correção da inflação pelo IGP-DI de agosto de 2014.

EVOLUÇÃO DOS CUSTOS NOS ÚLTIMOS SEIS ANOS NO SUL DE MINAS GERAIS

Itens	2008/09*	2013/14	Varição (%) 2008/09 - 2013/14
(A) Insumos	5.290,30	6.374,40	20,50%
(B) Semente	3.257,24	3.600,00	10,50%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	643,52	743,78	15,60%
(D) Operações mecânicas para tratos culturais e amontoa	167,96	322,21	91,80%
(E) Operações para colheita mecânica (arranquio)	265,23	368,64	39,00%
(F) Mão de obra	944,60	2.833,80	200,00%
(G) Catação no sistema de colheita semi-mecanizado	1.655,76	2.130,00	28,60%
(H) Custos administrativos	1.344,97	1.961,04	45,80%
(I) Comercialização/Beneficiamento	4.478,70	5.280,00	17,90%
(J) Arrendamento	1.402,05	2.066,12	47,40%
(K) Financiamento de Capital de Giro	889,48	1.065,57	19,80%
(L) Custo Operacional (CO) = A+ B +...+L	22.002,37	26.745,56	21,60%
(M) CARP	4.829,89	2.906,41	-39,80%
(N) Custo Total (CT) = L + M	27.103,69	29.651,97	9,40%
Produtividade - sc de 50 kg	600	660	10,00%
Custo (R\$/sc)	45,17	44,93	-0,50%

* O valores reais foram obtidos por meio da correção da inflação pelo IGP-DI de agosto de 2014.

O SOBE E DESCE DOS PRINCIPAIS ITENS QUE COMPÕEM OS CUSTOS DE BATATA

Com base na apuração do custo de produção em Vargem Grande do Sul (SP) e no Sul de Minas, regiões de grande importância para a oferta nacional de batata, é possível fazer as seguintes avaliações sobre os principais itens que compõem o custo de produção de batata:

- 1- MÃO DE OBRA:** Vem limitando a expansão da cultura, não só pelo aumento dos gastos, mas também pela dificuldade em contratação, e isso se agrava quando é preciso selecionar pessoas de maior qualificação para a atividade. Em 2005, em Vargem Grande do Sul, a mão de obra representava 6,2% dos custos totais e, em 2014, elevou-se para 12,8%. No Sul de Minas, essa participação saltou de 9,6% em 2008/09 para 16,7% em 2013/14. Diante disso, a mecanização da atividade é cada vez mais um fator pró-competitividade e sustentabilidade econômica para quem quer continuar na atividade.
- 2- IRRIGAÇÃO:** a troca de motores a diesel por elétricos tem auxiliado na redução do gasto, especialmente quando acionados nos períodos que contam com “tarifa verde” de energia elétrica.
- 3- CUSTOS ADMINISTRATIVOS:** são compostos por diversos serviços e produtos; um dos que mais explica a tendência de alta é o dispêndio com prestadores de serviços, como contadores – que, por sua vez, também dependem de mão de obra para oferecer seus serviços.
- 4- DEFENSIVOS:** o gasto varia de um ano para outro influenciado principalmente pelo clima (maior ou menor intensidade de uso) e preço (atrelado em boa parte ao câmbio).
- 5- FERTILIZANTES:** a quantidade aplicada é alta e não costuma variar; a oscilação dos preços desse insumo nos últimos anos ocorreu principalmente em função da demanda pelo próprio produto e do dólar; em alguns momentos, também pela oferta que refletia problemas nas fontes de extração.
- 6- SEMENTE:** os gastos com este insumo variam muito ano a ano em função dos custos de produção da própria bataticultura e também dos preços de venda da batata.
- 7- OPERAÇÕES MECÂNICAS:** os gastos por hectare estão diretamente ligados ao preço do diesel e à intensidade do uso de máquinas. Com o aumento da mecanização da atividade, o gasto com esse item por hectare tende a aumentar. A atual política de controle inflacionário tem contido reajustes do preço dos combustíveis, mas, nos próximos anos, isso pode mudar e impactar nos custos da batata.
- 8- COMERCIALIZAÇÃO:** os gastos com o beneficiamento (sem levar em conta o custo fixo) variam de um ano para outro em função, principalmente, da produtividade.
- 9- ARRENDAMENTO:** oscila com base na demanda por terras em cada região e também na perspectiva de preços da batata.
- 10- CARP:** o custo fixo tem pouca alteração de um ano para o outro. Ele está atrelado principalmente à variação dos preços de aquisição dos componentes, alteração desses itens e ao custo de oportunidade do capital investido na aquisição desses bens.



RENTABILIDADE MÉDIA DE VARGEM GRANDE E DO SUL DE MINAS É NEGATIVA NA MAIORIA DOS ANOS

Diferentemente dos custos, o preço da batata não subiu continuamente. No balanço dos 10 anos pesquisados em Vargem Grande do Sul (SP), a margem foi negativa em sete deles: 2005, 2006, 2007, 2008, 2010, 2011 e 2014. Somente em 2009, 2012 e 2013, a receita obtida por saca (preço médio da safra) foi superior ao custo total de produção. Esse quadro mostra que os cinco primeiros anos da pesquisa foram mais críticos em termos de renda do que os cinco últimos. O mesmo cenário de rentabilidade foi observado no Sul de Minas.

Como o produtor persiste na atividade diante de tanto prejuízo? A resposta é que nem todos os produtores têm resistido. Muitos saíram da atividade e, nos últimos anos, aumentou a concentração da produção. Atualmente, pode-se estimar que, no Brasil, os 50 maiores produtores são responsáveis por cerca de 30% da oferta nacional. A receita da sustentabilidade compreende diversos fatores, que merecem ser analisados caso a caso (veja “*Como sobreviver na bataticultura?*”, ao lado).

Evolução do preço, custo e margem de comercialização da batata *in natura* na safra de inverno – Vargem Grande do Sul (SP)

Safra	Valores Nominais			Valores Deflacionados			Produtividade (scs/hectare)
	Preço (R\$/sc)*	Custo (R\$/sc)	Margem (R\$/sc)	Preço (R\$/sc)*	Custo (R\$/sc)	Margem (R\$/sc)	
2005	15,09	27,73	-12,64	24,85	43,22	-18,37	600
2006	18,06	27,73	-9,67	28,93	44,43	-15,50	600
2007	28,31	28,90	-0,59	43,11	44,01	-0,89	600
2008	22,90	26,95	-4,05	30,91	36,38	-5,46	660
2009	37,39	29,05	8,34	50,75	39,42	11,33	640
2010	25,23	27,82	-2,59	31,99	35,26	-3,27	730
2011	19,67	30,64	-10,97	23,13	36,02	-12,89	740
2012	43,61	42,89	0,72	47,45	46,67	0,78	600
2013	54,33	40,61	13,72	56,85	42,50	14,36	650
2014	17,38	36,27	-18,89	17,38	36,27	-18,89	700

* Os preços são da batata beneficiada. O valor é uma média ponderada pelo volume de comercialização de três tipos de batata: especial, primeira e diversa. O preço médio mensal foi ponderado pelo calendário de colheita e, assim, definido o valor de cada safra.

** O valores reais foram obtidos por meio da correção da inflação pelo IGP-DI de agosto de 2014.

Evolução do preço, custo e margem de comercialização da batata *in natura* na safra das águas – Sul de Minas

Safra	Valores Nominais			Valores Deflacionados			Produtividade (scs/hectare)
	Preço (R\$/sc)*	Custo (R\$/sc)	Margem (R\$/sc)	Preço (R\$/sc)*	Custo (R\$/sc)	Margem (R\$/sc)	
2008/09	31,12	33,28	-2,16	42,23	45,17	-2,94	600
2009/10	47,52	38,43	9,09	60,24	48,72	11,52	540
2010/11	21,09	39,09	-18,00	24,80	45,96	-21,17	600
2011/12	21,71	40,77	-19,06	23,63	44,37	-20,74	600
2012/13	52,80	43,89	8,91	55,25	45,92	9,33	600
2013/14	43,43	44,93	-1,50	43,43	44,93	-1,50	660

* Os preços são da batata beneficiada. O valor é uma média ponderada pelo volume de comercialização de três tipos de batata: especial, primeira e diversa. O preço médio mensal foi ponderado pelo calendário de colheita e, assim, definido o valor de cada safra.

** O valores reais foram obtidos por meio da correção da inflação pelo IGP-DI de agosto de 2014.

Fonte: Cepea

Fonte: Cepea

COMO SOBREVIVER NA BATATICULTURA?

Alterações no manejo/tecnologia adotada, na comercialização e na administração no sentido de ampliar a competitividade do produto têm sido a saída para se manter sustentável economicamente na atividade. Infelizmente, nem todos os produtores conseguem aplicar essa fórmula de modo a serem bem-sucedidos.

As tabelas de rentabilidade calcula-

das pela **Hortifruti Brasil** para as regiões de Vargem Grande do Sul (SP) e do Sul de Minas mostram que o produtor que obteve produtividade, custo e preço (de venda) na média da região – apurados pela **Hortifruti Brasil** – estão com a rentabilidade bastante limitada. Entre as providências que podem ser adotadas para se reverter esse quadro, destacam-se:

- **GANHO DE PRODUTIVIDADE:** é importante o produtor estar aberto a novos conceitos e a formas mais modernas e eficientes do manejo agrônomo; deve conhecer as novidades do pacote tecnológico disponível e avaliar o seu retorno econômico;
- **EFICIÊNCIA NA COMERCIALIZAÇÃO:** é de grande importância principalmente em anos de preços muito baixos. Essa eficiência está relacionada, principalmente, à habilidade de negociação e à estratégia de escoamento do produto. **Neste campo, podem ser considerados:** integração da produção com a comercialização (beneficiadora e box no atacado), venda de parte da produção sob contrato para indústria e seleção de clientes com baixo risco de inadimplência e com potencial para ampliar as vendas de produtos de maior valor agregado;
- **GESTÃO:** é o aspecto que vem sendo mais estudado pela **Hortifruti Brasil** ao longo desses anos. Independente da escala de produção, o planejamento, a apuração e o controle dos custos de produção são vitais para se gerir eficientemente o negócio. Além da administração econômica (“ter lucro”), a financeira (ter recursos em caixa para saldar dívidas em seus vencimentos) também é imprescindível em um setor de risco de preços elevados. Gestão do fluxo de caixa e provisão financeira são essenciais para se fazer frente aos ciclos de alta e baixa dos preços do tubérculo. Não há uma forma ideal de gerenciamento de risco da rentabilidade. Alguns procuram diversificar seu portfólio de culturas – e acabam transferindo renda dessas outras atividades para a bataticultura em momentos críticos do setor. Outros fazem uma provisão financeira para momentos mais críticos – o que é o mais recomendável.





CÁLCULO DO CUSTO DE PRODUÇÃO DE BATATA EM VARGEM GRANDE DO SUL

Pelo oitavo ano consecutivo, membros da equipe **Hortifruti Brasil** reuniram-se com produtores e técnicos da região de Vargem Grande do Sul para apurar os custos de produção. A reunião

aconteceu em 27 de agosto de 2014 na sede da Associação dos Bataticultores da Região de Vargem Grande do Sul (ABVGS). O levantamento se referiu à safra de inverno 2013, mas também foi registrado o orçamento da safra de inverno 2014, ainda em andamento na região. O custo final da temporada 2014 será publicado no *Especial Batata* de 2015. No entanto, os resultados parciais permitem uma boa prévia dos custos da região na safra atual, como vem sendo feito ano a ano.

A propriedade típica de produção de Vargem Grande do Sul manteve seu perfil de 100 hectares cultivados. No entanto, para os próximos anos, em função da tendência de ampliação da escala de produção, que ocorre não apenas no setor bataticultor, mas no agronegócio em geral, esse perfil deve ser alterado para uma área maior.

Na safra 2013, o que mudou no inventário de máquinas e equipamentos em relação à de 2012, publicada no *Especial Batata* anterior (nº 128), é a exclusão da grade niveladora e do aplicador de calcário, não por uma mudança na estrutura na média da produção da região, mas por uma decisão dos participantes desse painel. Foi considerado que, no manejo de solo, não há operação com grade leve, e o calcário é aplicado pelo vendedor, com esse serviço já incluso no preço da tonelada. Por outro

lado, foi incluída mais uma arrancadeira de batata. Quanto ao rateio na depreciação de máquinas, implementos e benfeitorias, continua sendo feito em função do uso proporcional nas culturas da batata e demais – normalmente, esse produtor tem pelo menos uma segunda cultura. A plantadora, a adubadora e a fresadora passaram de três para quatro linhas.

O valor do barracão foi alterado para baixo: antes estimado em R\$ 200.000,00, passou para R\$ 150.000,00, por uma decisão dos participantes que acharam que o valor anterior estava onerando demais a estrutura de produção.

Os demais itens permanecem como registrado nas edições anteriores: terra arrendada, sistema de irrigação sob pivô central e serviço de beneficiamento terceirizado. A pulverização continua sendo aérea por apresentar menor custo, embora haja rumores de que alguns produtores estariam retornando para a aplicação terrestre por julgarem mais eficiente.

Na consolidação da safra 2013, conclui-se que a produtividade média que havia sido estimada em 600 sacas de 50 kg por hectare fechou a 650. Além disso, alguns itens da planilha tiveram ajustes – alguns para cima, outros para baixo – frente ao orçamento publicado no *Especial Batata* de 2013.

Quanto à temporada 2014, produtores estimam que a produtividade, depois de dois anos em baixa, deve voltar aos padrões mais comuns da região, sendo estimada na média de 700 sacas por hectare, o que representaria alta de 8% frente a 2013. Essa média só não seria maior porque, no início da safra, a produtividade das lavouras foi relativamente baixa.

MAQUINARIA DA PROPRIEDADE TÍPICA

A propriedade típica de batata em Vargem Grande do Sul usa em suas operações:

- 3 tratores, sendo dois de 75 cv 4x4 e um de 110 cv 4x4
- 1 grade aradora
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 enxada rotativa
- 1 plantadora, sem adubadora, de quatro linhas
- 1 adubadora de quatro linhas
- 1 aplicador de adubo para cobertura
- 1 pulverizador de 2 mil litros com barra de 18 metros
- 2 arrancadoras de batatas
- 1 fresadora de quatro linhas
- 1 guincho hidráulico
- 1 pá carregadora
- 1 tanque micron
- 1 tanque de 6 mil litros
- 1 pick-up de pequeno porte
- 1 caminhão

TABELA 1. Custo Total de produção de batata beneficiada em Vargem Grande do Sul (SP) - Safras de inverno 2013 e 2014

Itens	2013		2014	
	(R\$/ha)	%CT	(R\$/ha)	%CT
(A) Insumos	7.114,09	26,95%	5.972,83	23,53%
Fertilizante	3.729,60	14,13%	3.601,00	14,18%
Defensivo	3.384,49	12,82%	2.371,83	8,98%
(B) Semente	5.000,00	18,94%	4.375,00	17,23%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	468,08	1,77%	488,15	1,92%
Grade aradora/Encorporação	244,93	0,93%	254,51	1,00%
Subsolagem	81,92	0,31%	85,76	0,34%
Enxada rotativa	82,37	0,31%	86,21	0,34%
Grade niveladora	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Calcário	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Plantio	58,85	0,22%	61,67	0,24%
(D) Operações mecânicas para tratos culturais e amontoa	590,00	2,23%	655,05	2,58%
Adubação	72,18	0,27%	75,66	0,30%
Amontoa	37,82	0,14%	39,38	0,16%
Pulverização aérea	480,00	1,82%	540,00	2,13%
Pulverização de inseticidas		0,00%		0,00%
Pulverização de fungicidas		0,00%		0,00%
Pulverização de herbicida		0,00%		0,00%
(E) Irrigação	638,27	2,42%	897,74	3,54%
(F) Operações para colheita mecânica (arranquio)	187,20	0,71%	198,06	0,78%
(G) Mão de obra	1.661,40	6,29%	1.649,94	6,50%
(H) Catação no sistema de colheita semi-mecanizado	1.495,00	5,66%	1.610,00	6,34%
(I) Custos administrativos	791,14	3,00%	796,01	3,14%
(J) Comercialização/Beneficiamento	4.355,00	16,50%	4.690,00	18,47%
(K) Arrendamento	2.066,12	7,83%	2.066,12	8,14%
(L) Financiamento de Capital de Giro	1.113,59	4,22%	1.034,50	4,08%
(M) Custo Operacional (CO) = A+ B +...+L	25.479,88	96,52%	24.433,39	96,25%
(N) CARP	919,26	3,48%	952,63	3,75%
Custo Total (CT) = CO + CARP	26.399,14	100,00%	25.386,01	100,00%
Produtividade Média	650 sacas/ha		700 sacas/ha	
Custo Total por saca beneficiada	R\$ 40,61		R\$ 36,27	

Fonte: Cepea



VARGEM GRANDE DO SUL: PELA PRIMEIRA VEZ, OS CUSTOS APRESENTAM RECUE

O custo de produção para a safra 2014 está abaixo do de 2013, o que representa uma mudança no comportamento visto desde 2005 – início da série analisada. Essa diminuição ocorre quando se avalia o custo por hectare e, especialmente, por saca, já que a perspectiva é de que produtividade evolua de 650 para 700 sacas por hectare.

Em 2013, os custos totais tiveram alta de 2,6% frente a 2012, seja por hectare ou por saca, já que a produtividade média se manteve constante. Esse encarecimento deveu-se principalmente ao aumento no dispêndio com insumos em geral, sendo que parte desses itens foi reajustado em função do aumento do dólar frente ao Real. Os gastos com defensivos para a safra 2013 se confirmaram, mas os demais insumos tiveram pequenas alterações. Também seguiu crescente o gasto com mão de obra, além de o arrendamento ter ficado mais caro, impulsionado pela perspectiva de preços elevados da batata em 2013. No entanto, os custos com sementes seguiram estáveis, contrariando a expectativa de alta acentuada em 2013.

Já para a temporada 2014, o recuo estimado para os custos por hectare é de 3,8% e por saca comercializada, de 10,1% - dado o ganho de produtividade. A diminuição dos gastos com defensivos explica a maior parte da redução do ano passado para este. Apesar da alta de mais de 38% nos gastos com inseticidas, produtores despendem 30% a menos com defensivos em geral, tendo em vista que, com fungicidas, a economia foi de 55%. Essas acentuadas variações nos gastos com esses componentes são explicadas pelo clima, que foi bastante seco na safra de inverno de 2014, ao contrário dos dois anos anteriores, mais úmidos. As sementes utilizadas para propagação também tiveram recuo significativo de 12,5%. No mesmo sentido, gastos com fertilizantes baixaram 3,5% devido à diminuição dos seus preços.

Uma queda pouco expressiva no total dos custos, mas com significado importante, foi observada na mão de obra (-0,7%). Embora o salário mínimo continue em alta, a contratação de diaristas neste ano está mais barata que no ano passado, recuando da média de R\$ 100,00/dia para R\$ 80,00/dia. Além disso, neste ano, nota-se maior disponibilidade desse tipo de mão de obra. Essa mudança pode refletir a desaceleração da economia – menor demanda tanto da indústria quanto da construção civil – e também o aumento da mecanização da colheita na própria bataticultura.

Os custos com irrigação tiveram aumento acentuado de 40,7%, explicado pelo reajuste na tarifa da energia elétrica e, sobretudo, pelo maior consumo em função do clima bastante seco. A lâmina de irrigação que, no ano passado, era estimada em 300 mm por hectare, passou para 400 mm.

O custo do capital de giro baixou 7,1%, pois este é diretamente proporcional aos gastos operacionais por hectare, que tiveram redução. Além disso, o custo de oportunidade do capital próprio, de 1% ao mês no ano passado, foi considerado muito elevado pelos participantes, que optaram, neste ano, por 6% ao ano, taxa próxima à da poupança.

Já o dispêndio com depreciação e remuneração do capital investido (CARP) subiu novamente neste ano, sendo que o reajuste nos preços da maioria das máquinas e implementos foi o que determinou essa alta.

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE BATATA BENEFICIADA DE VARGEM GRANDE DO SUL – SAFRA DE INVERNO 2014

Safra 2014: R\$ 36,27/sc



Fonte: Cepea. 2013: dados finais; 2014: dados preliminares da safra de inverno.



Pronutiva: Soluções integradas de Proteção e Nutrição da Arysta LifeScience.

Imagens Ilustrativas. Consulte um representante Arysta LifeScience e confira todos os resultados de trabalhos realizados com o produto.

BIOZYME, A CHAVE DA PRODUTIVIDADE

+ GERMINAÇÃO + VIGOR INICIAL + ENRAIZAMENTO

+ FIXAÇÃO DE FLORES + DESENVOLVIMENTO DE GRÃOS E FRUTOS

= PRODUTIVIDADE E QUALIDADE



COM BIOZYME



BIOZYME é um produto que explora o melhor das sinergias entre nutrientes minerais e extratos vegetais bioativadores, que promovem o crescimento radicular e a fixação de flores, melhorando a produtividade e qualidade.

Produtividade e qualidade para você ganhar mais!

Arysta na web. Conheça nossos canais de comunicação:



fb.com
/ArystaBrasil



radioarysta
.com.br



arystanocampo
.com.br



Arysta LifeScience

www.arystalifescience.com.br

mudbum.com.br



CÁLCULO DE CUSTO DE PRODUÇÃO DE BATATA DO SUL DE MINAS GERAIS

Consolidando o Sul de Minas na rotina dos estudos de custos de produção, pelo quinto ano consecutivo a **Hortifruti Brasil** realizou o Painel para levantamento dos custos da safra das águas na região. A reunião com produtores e técnicos locais ocorreu no município de Pouso Alegre (MG), em 28 de agosto de 2014, na sede da Associação de Bataticultores do Sul do Estado de Minas Gerais (Abasmig). Os dados obtidos representam os custos finais da temporada das águas 2013/14. Como tem sido feito, para comparação, repete-se nesta edição o custo da temporada 2012/13, que já foi apresentado no *Especial Batata* de 2013.

O perfil típico de uma propriedade bataticultora na safra das águas do Sul de Minas mantém-se em oito hectares, não tendo retornado ao patamar de 10 hectares nem mesmo após os bons resultados da temporada 2012/13, como se acreditava que poderia ocorrer – observa-se entre produtores de menor escala e em regiões de maior dificuldade de mecanização a tendência de manter ou mesmo reduzir a área e focar no aumento da produtividade. As demais características da propriedade típica também foram mantidas. O cultivo predominante permanece em área arrendada e a maioria dos produtores ainda não adota sistemas de irrigação, já que a safra ocorre em período de chuvas. Na última temporada (2013/14), embora tenha faltado água nas áreas de sequeiro em algumas lavouras

de batata de outras regiões, como no Triângulo Mineiro/Alto do Paranaíba, no Sul de Minas não houve problema até o final da colheita das águas, o que permitiu uma boa produtividade média no período.

Quanto ao inventário, os participantes do Painel julgaram necessárias algumas alterações frente ao registrado no ano passado: ao invés de dois tratores de 75 cavalos, optou-se por um com esta potência e outro de 90 cavalos, que executaria determinadas atividades de preparo de solo. O distribuidor de calcário de 500 kg foi trocado por outro de 600 kg; o pulverizador também foi alterado, por um de barra hidráulica; além da arrancadeira de disco, foi adicionada uma de esteira; e o sulcador passou a ter uma adubadora junto.

A produtividade média na temporada 2013/14 foi boa, sendo estimada em 660 sacas por hectare, aumento de 10% frente à média do ano anterior. Esse avanço foi motivado pelas boas condições climáticas e pelo pacote tecnológico utilizado na safra. Com os bons preços, produtores optaram por investir mais em tecnologia, o que acabou elevando também os gastos com alguns insumos.

O CARP (Custo Anual de Recuperação do Patrimônio) continua sendo rateado entre o portfólio de culturas do produtor. Entre as regiões bataticultoras acompanhadas pelo Cepea, o Sul de Minas é a que apresenta menor inventário de máquinas já que os produtores são de pequena escala. As operações de plantio e adubação de cobertura ainda são feitas manualmente.

Os demais itens da estrutura de custos se mantiveram tais como registrados em 2013.

MAQUINARIA DA PROPRIEDADE TÍPICA

A propriedade típica de batata no Sul de Minas usa em suas operações:

- 1 trator de 75 cv 4x4
- 1 trator de 90 cv 4x4
- 1 pick-up de pequeno porte
- 1 arado de 4 discos e 28 polegadas
- 1 grade niveladora
- 1 distribuidor de calcário de 600 kg
- 1 carreta com capacidade para 3 toneladas
- 1 enxada rotativa
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 roçadeira de 3 hélices
- 1 pulverizador com barra hidráulica
- 1 arrancadora de batatas
- 1 sulcador com adubadora

TABELA 2. Custo Total de produção de batata beneficiada no Sul de Minas Gerais - Safras das águas 2012/13 e 2013/14

Itens	2012/13		2013/14	
	(R\$/ha)	%CT	(R\$/ha)	%CT
(A) Insumos	5.185,50	19,69%	6.374,40	21,50%
Fertilizante.....	3.560,00	13,52%	3.500,00	11,80%
Defensivo.....	1.625,50	6,17%	2.874,40	9,69%
(B) Semente	4.200,00	15,95%	3.600,00	12,14%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	710,33	2,70%	743,78	2,51%
Aração.....	287,77	1,09%	310,64	1,05%
Enxada Rotativa/Encorporação.....	250,16	0,95%	306,17	1,03%
Subsolagem.....	137,08	0,52%	88,67	0,30%
Calcário.....	35,32	0,13%	38,31	0,13%
(D) Operações mecânicas para tratos culturais	273,39	1,04%	322,21	1,09%
Adubação básica.....	26,78	0,10%	60,81	0,21%
Adubação para cobertura.....	20,65	0,08%	22,49	0,08%
Pulverização de inseticida.....	102,71	0,39%	108,59	0,37%
Pulverização de fungicida.....	102,71	0,39%	108,59	0,37%
Pulverização de herbicida.....	20,54	0,08%	21,72	0,07%
(E) Operações para colheita mecânica (arranquio)	295,12	1,12%	368,64	1,24%
(F) Mão de obra	2.952,00	11,21%	2.833,80	9,56%
(G) Catação no sistema de colheita semi-mecanizado	1.980,00	7,52%	2.130,00	7,18%
(H) Custos Administrativos	1.913,62	7,27%	1.961,04	6,61%
(I) Comercialização/Beneficiamento	4.380,00	16,63%	5.280,00	17,81%
(J) Arrendamento	1.239,67	4,71%	2.066,12	6,97%
(K) Financiamento de Capital de Giro	1.005,04	3,82%	1.065,57	3,59%
(L) Custo Operacional (CO) = A+ B +...+K	24.134,67	91,66%	26.745,56	90,20%
(M) CARP	2.196,72	8,34%	2.906,41	9,80%
Custo Total (CT) = CO + CARP	26.331,39	100,00%	29.651,97	100,00%
Produtividade média	600 sacas/ha		660 sacas/ha	
Custo Total por saca beneficiada	R\$ 43,89		R\$ 44,93	

Fonte: Cepea



SUL DE MINAS: PRODUTOR GASTA MAIS COM TECNOLOGIA, MAS PRODUTIVIDADE COMPENSA INVESTIMENTO

A produtividade média da safra das águas 2013/14 foi a maior já registrada pela **Hortifruti Brasil** para a região, sendo estimada em 660 sacas de 50 kg por hectare, 10% maior que o considerado para os dois anos anteriores – 600 sacas/50 kg. Além do clima, esse resultado foi obtido também pelo maior investimento do produtor em tecnologia, que, por sua vez, levou a custos totais 12,6% maiores por hectare. O aumento dos custos unitários (por saca de batata), porém, foi de apenas 2,4% de um ano para o outro, bastante compensado pelo ganho de 10% do volume colhido.

O grupo dos defensivos foi o que apresentou maior alta, expressivos 76,8% - a alta se deu sobretudo em função de uma mudança no padrão tecnológico. Desses insumos, os inseticidas foram os que tiveram aumento mais substancial, de 143%, não só pelo incremento em tecnologia, mas também pelo fato de ter sido um ano mais seco. O gasto com fungicidas aumentou 82,3%; com tratamento de semente, 47,2%; com herbicidas, 37,4%; e com adjuvantes, 35%.

Já o dispêndio com fertilizantes teve ligeiro recuo de 1,7% devido à diminuição dos seus preços. Em geral, não há variação da quantidade usada. Mesmo produtores de menor tecnologia costumam aplicar doses elevadas desse insumo.

Na temporada 2013/14, os custos com semente para plantio também recuram, assim como aconteceu em Vargem Grande do Sul. O valor da caixa passou de R\$ 35,00 na temporada 2012/13 para R\$ 30,00 em 2013/14, queda de 14,3%. No Sul de Minas, tornou-se mais fácil a contratação de mão de obra. Entretanto, os valores das diárias permaneceram os mesmos da safra passada, em R\$ 60,00.

Assim, a queda de 4% nas despesas totais com mão de obra se deve a um ajuste feito pelos participantes do Painel deste ano no número de diárias contratadas, frente ao levantamento realizado no ano passado. Ainda como parte desse item, destaca-se que houve aumento de 7,6% nas despesas com mão de obra especificamente de catação. Essa variação refletiu o ganho de produtividade, pois o valor pago por esse serviço se manteve em R\$ 2,50 por saca colhida, adicionada das diárias dos carregadores no caminhão, que também continuaram estáveis frente ao ano passado.

Os custos com comercialização tiveram acentuado aumento de 20,5%, atribuído à maior produtividade da lavoura e, neste caso, também a um reajuste dos preços desse serviço.

O dispêndio com arrendamento deu um salto considerável, de 66,7%, justificado principalmente pelos elevados preços da batata nas últimas safras. Esse percentual representa uma média dos reajustes que teriam havido na região, onde a produção é bastante pulverizada, há grande diversidade de solo, topografia e também de aspectos logísticos – o que resulta em uma grande amplitude nos valores de arrendamento local. Assim, essa média foi calculada a partir do consenso dos participantes quanto ao valor representativo para o perfil de produção avaliado.

Os custos com capital de giro aumentaram 6%, resultado do aumento geral nos custos de produção.

Quanto ao CARP, o aumento também foi bastante significativo também, de 32,3%, o que se deve, em parte, ao reajuste nos preços das máquinas e implementos, mas principalmente à aquisição de componentes mais caros – veja a descrição do inventário.

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE BATATA BENEFICIADA DO SUL DE MINAS GERAIS – SAFRA DAS ÁGUAS 2013/14



Fonte: Cepea



CAPTURE 400 EC

Mais larvas-alfinete fora da plantação.

Capture 400 EC protege a plantação em momento crítico, podendo ser aplicado tanto no plantio quanto na amontoa, garantindo ótima eficiência. Portanto, se você quer atrair bons resultados, é melhor ficar ao lado de Capture 400 EC, da FMC.



Conheça também outras soluções FMC para Batata:



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

Rugby: produto em fase de cadastro estadual no Sergipe e Pernambuco.





EFICIENTE NAS CULTURAS DE BATATA, CEBOLA E TOMATE.

RIDOMIL GOLD BRAVO

**GUIDA DA SUA PLANTAÇÃO,
PROTEGENDO SEMPRE E COMBATENDO
QUANDO NECESSÁRIO.**



Restrição de uso no Estado do Paraná.
Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br



 **RidomilGold**[®]
Bravo

syngenta.

TM

O QUE ESPERAR PARA OS PRÓXIMOS 10 ANOS?

Os dados apurados em Vargem Grande do Sul (SP) e no Sul de Minas evidenciam a importância de o produtor de batata elevar a eficiência da produção, da comercialização e da gestão de modo a manter seu negócio sustentável economicamente.

A mecanização das principais atividades da bataticultura – ou de parte delas – é uma das principais tendências para os próximos anos. Dependendo do peso que a mão de obra terá daqui por diante, algumas regiões com topografia mais acidentada bem como produtores com menor escala de produção (sem condições de viabilizar investimentos em maquinário) podem ter mais dificuldade de se manterem competitivos na atividade. Regiões como o Sul de Minas, possivelmente, precisarão concentrar o plantio em áreas onde seja possível a total mecanização. Para produtores de pequena escala, a saída pode ser a aquisição coletiva de maquinários, por meio de cooperativas, *pools* ou algum outro tipo de sociedade. Outra possibilidade é o surgimento de prestadores de serviço para essas atividades, o que também viabilizaria a produção

em escalas reduzidas.

Outra tendência já bem clara na bataticultura é a busca por maior produtividade mediante a adoção de tecnologia e melhora do manejo agrônomico. Nos próximos anos, isso pode significar até mesmo recuo da área cultivada, dado que a oferta poderá aumentar sem variação da área.

Nesse contexto, destaca-se que a área das águas (safra menos produtiva e com custo maior) pode vir a diminuir mais do que a de inverno (safra com maior produtividade e menor custo). Produtores mais tecnificados, com maiores produtividades e maior escala de produção já têm se concentrado justamente na safra de inverno, período em que também há aumento da produção nacional da batata industrializada a ser comercializada ao longo do ano.

Na temporada das águas, diferentemente, tem sido observado recuo da área. Essa tendência deve se manter, mas se acredita também que parte dos produtores vai aprimorar tanto as práticas de cultivo quanto de gestão do negócio a ponto de recuperar a sua competitividade. ■



Qualidade Total

Máximo de retorno da sua produção



O QUE SE PASSA NO CORAÇÃO DAS PLANTAS ?

As pesquisas demonstram que, com estímulos certos, as plantas sentem e respondem ficando mais resistentes e produtivas. Este é o trabalho da Stoller: ajudar as plantas a lidar com o estresse e expressar todo o seu potencial genético, produzindo mais. Descubra como ativar o poder das suas plantas: acrescente Stoller.



Em 56 países, com 41 anos de Brasil.
Mais pesquisas, tecnologias e resultados.
Informações e produtividade para o campo.

www.stoller.com.br





Colheita é iniciada em Sumaré

Produtores de Sumaré iniciam colheita da 2ª parte da safra de inverno

Tomateiros da região de Sumaré (SP) devem iniciar a colheita da segunda parte da safra de inverno em outubro. Com o término do transplântio em setembro, produtores da região consultados pelo Hortifruti/Cepea indicaram que 2,15 milhões de pés foram plantados. Durante o transplântio (de julho a setembro), houve a incidência de geminivírus, mas agentes indicam que esse fato não chegou a prejudicar significativamente os tomateiros. Apesar de tudo ocorrer dentro do planejado, produtores de Sumaré estavam, até o fim de setembro, apreensivos com longa seca no Sudeste, visto que a água da represa que faz divisa com o município de Nova Odessa e que está sendo utilizada para abastecer a cidade está se esgotando. Se isso acontecer, produtores terão que ceder parte das suas reservas particulares de água para a prefeitura de Sumaré, que está priorizando o abastecimento da população do município. No entanto, previsões climatológicas para outubro estão favoráveis. As chuvas virão com maior intensidade a partir de meados do mês, segundo a Somar Meteorologia, o que poderá, pelo menos, amenizar o déficit hídrico do solo e das represas da região.

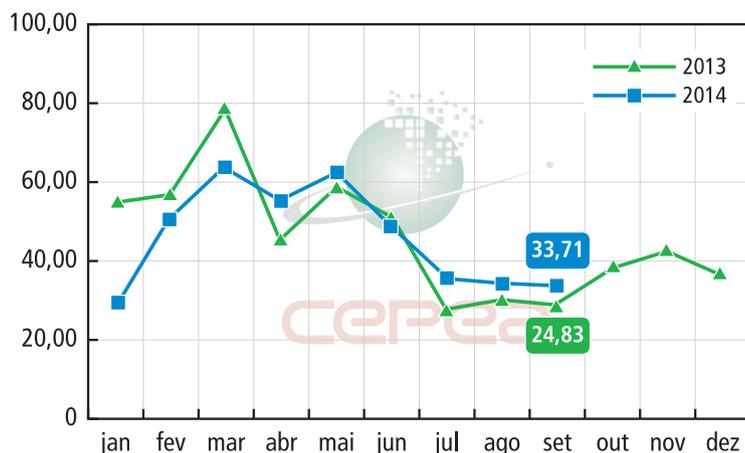
Safra de inverno de Ubá e Mogi finalizam com rentabilidade razoável

Produtores de Mogi Guaçu (SP) e de São José de Ubá (RJ) devem encerrar a safra de inverno em outubro. Em ambas as regiões, a rentabilidade deve

fechar razoável, apesar dos problemas enfrentados no início da temporada. Em Mogi Guaçu, o clima seco durante o período de desenvolvimento das primeiras lavouras elevou a incidência de mosca branca, transmissor do geminivírus, o que causou perda significativa em algumas roças. Nessa região paulista, na média parcial da safra (abril a setembro), produtores comercializaram a caixa de 26 kg por R\$ 44,01, enquanto o valor mínimo estimado para cobrir os gastos com a cultura foi de R\$ 19,98/cx no mesmo período. Em São José de Ubá, a seca também prejudicou parte das lavouras. Tomateiros dessa praça fluminense relataram a ocorrência de broca e do vira-cabeça. Esse cenário reduziu a produtividade de São José de Ubá, que ficou em torno de 245 caixas por mil pés na média de agosto e setembro. Na análise parcial da safra de inverno, entre junho e setembro, o fruto foi comercializado à média de R\$ 24,79/cx de 23 kg nas roças fluminenses, cerca de 35% acima do mínimo estimado pelos produtores para cobrir os custos com a produção. As últimas lavouras de ambas as regiões, que serão colhidas em outubro, devem apresentar maior rentabilidade frente à média da safra total. Para outubro, as chuvas serão mais regulares tanto em Mogi Guaçu quanto em São José de Ubá, segundo a Somar Meteorologia, cenário que deve favorecer o desenvolvimento e a qualidade dos tomates que serão ofertados neste mês.

Começa pico de colheita na Serra da Ibiapaba

O pico da colheita de tomate da safra de 2014 deve ocorrer entre outubro e novembro na região da Serra da Ibiapaba (CE). Nesses dois meses, tomateiros devem colher 22% da área cultivada, o que equivale a 2,86 milhões de pés de tomate. As lavouras na região nordestina ainda sofrem a influência do vira-cabeça e da broca pequena, que têm prejudicado o desenvolvimento dos frutos e, consequentemente, diminuído a produtividade dos tomateiros. De acordo com produtores, a produtividade das lavouras em setembro foi de 260 caixas de 22 kg por mil pés, o que é considerado abaixo do potencial da região.



Preço fica estável em setembro

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea



Curta a página da HF Brasil no Facebook!

@revistahortifrutibrasil

Arretado, macanudo, bão.

Tomates italianos com sotaque de todo o Brasil.

Fincio



Tomate italiano
BS II0011

Os tomates italianos Blueseeds BS II0011 e 0020, além de resistentes e de alta qualidade, são adaptados a diversas regiões do Brasil, de nordeste a sul.

Essa é a diferença dos tomates Blueseeds, a seleção de híbridos e as combinações das resistências são desenvolvidas para se adaptarem em todo o país. Blueseeds, resultados no azul. Vermelho, só o tomate.



Tomate italiano
BS II0020

Resistentes às doenças:

- Fusarium raça 1, 2 e 3;
- Geminivírus;
- Mosaico do Tabaco;
- Nematóides galhas;
- *Pseudomonas syringae pv tomato*;
- *Verticillium sp* raça 1;
- Vírus do vira cabeça.

Blueseeds



Chuvas favorecem plantio da safra de verão em MG

Precipitações podem evitar queda na área de verão

Nesta primavera, as chuvas devem ficar dentro da média climatológica em Minas Gerais. Em agosto e setembro, não houve volume significativo de chuva em São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba, segundo a Somar Meteorologia, o que agravou a seca na região. No entanto, com a previsão de maior volume de chuva a partir de outubro, o cenário pode melhorar, mas não deve recuperar totalmente os sistemas de abastecimento na região. O retorno das chuvas pode evitar, pelo menos, uma possível redução na área de plantio no final da safra de verão. Desta forma, a previsão é de que as atividades de campo voltem à normalidade a partir de outubro. Até o final de setembro, produtores mineiros continuavam vendendo cenoura ao Nordeste e haviam iniciado os envios para a região Sul, onde a oferta está baixa. A média de preços da raiz em Minas Gerais subiu 11,2% em relação a agosto, a R\$ 11,00 a caixa "suja" de 29 kg. Apesar da melhora nos preços, ainda estão próximos ao custo de produção, que estiveram, em setembro, a R\$ 9,10/cx. Em outubro, o volume a ser ofertado deve se manter estável na região mineira.

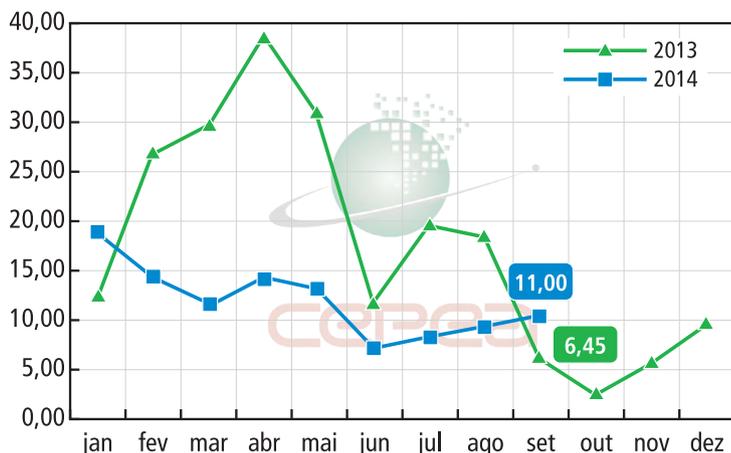
Oferta e qualidade estão baixas no RS

Nesta safra de inverno, as regiões produtoras do Sul do País foram prejudicadas pelas chuvas intensas que ocorriam até o final de setembro, visto que afetaram o plantio e a qualidade da raiz. Em Ca-

xias do Sul, Antônio Prado e Vacaria (RS), se as precipitações continuarem com força, a qualidade das cenouras em desenvolvimento pode recuar ainda mais. Além de o excesso de chuva no final de maio e início de junho ter dificultado o plantio, a terra úmida fez com que as cenouras ficassem menores. Isso porque, quando há disponibilidade elevada de água, as raízes acabam não se aprofundando no solo como deveriam. Em consequência, PR e MG seguem aproveitando o período de baixa oferta no Rio Grande do Sul e continuam escoando cenouras para regiões onde a demanda é mais elevada. Com baixa disponibilidade, os preços reagiram em setembro na região gaúcha. A caixa "suja" de 29 kg passou a ser vendida 14% mais cara que em agosto, a R\$ 13,45/cx, considerando-se produtividade média de 56 t/ha. Segundo produtores, a previsão é de que o volume de cenoura no RS só consiga atender o próprio estado em meados de dezembro.

Produtividade deve se manter elevada em GO

A produtividade em Cristalina (GO) continua dentro do esperado nesta safra de inverno. Em setembro, a média foi de 102,4 t/ha, 11% maior que a de agosto. Com o clima favorável desde o início do ano (baixo volume de chuvas), agricultores da região goiana não tiveram problemas na safra de verão e, até o momento, com relação ao plantio, desenvolvimento e colheita das raízes da temporada de inverno. No entanto, com a alta produtividade, a rentabilidade não tem sido satisfatória na safra de inverno. O preço médio de venda da caixa "suja" de 29 kg foi de R\$ 10,15 em setembro, enquanto o custo de produção no mesmo mês foi de R\$ 10,25/cx. Se a análise for feita desde o início da safra (em julho) até setembro, o preço médio da cenoura foi de R\$ 8,96/cx "suja" de 29 kg, 12% abaixo do custo de produção no mesmo período. Tendo em vista o bom volume disponível, o estado goiano continua enviando cenouras ao Norte e Nordeste. A previsão para outubro é de que a oferta continue elevada e os preços, próximos aos custos de produção em GO.



Leve redução na oferta eleva preço em MG

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura "suja" na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepepa



Leia o blog da HF Brasil e fique atualizado!
hortifrutibrasil.blogspot.com



Oferta nacional deve continuar restrita em outubro

Colheita do interior paulista se encerra neste mês

São José do Rio Pardo e Monte Alto (SP) finalizam a colheita de cebola da safra 2014 na primeira quinzena de outubro. Por conta da redução de área, agricultores de ambas as praças conseguiram garantir bons preços durante toda a temporada, já que a oferta nacional não foi abundante. Em São José do Rio Pardo, houve fiscalização trabalhista durante as atividades de campo, mas sem consequências negativas, pois boa parte das propriedades estava em dia com a legislação. A falta de chuva no Sudeste afetou a produtividade da temporada, devido principalmente à incidência da praga trips, reduzindo o calibre da cebola. A produtividade média nessa safra tanto em São José do Rio Pardo quanto em Monte Alto foi de 50,4 t/ha, enquanto o preço médio da safra (de julho a outubro) foi de R\$ 0,78/kg, 47% acima do valor mínimo para cobrir os custos de produção (de R\$ 0,53/kg). A expectativa para a próxima temporada ainda é incerta, mas com a boa rentabilidade atual espera-se um aumento nos investimentos.

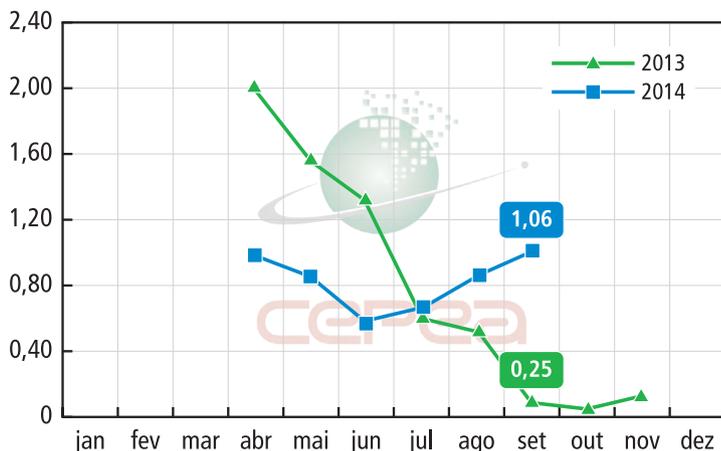
Safra tem início em Piedade

A colheita de cebolas híbridas começou em outubro em Piedade (SP). As lavouras da região tiveram aumento de área em relação à safra anterior por conta da rentabilidade positiva com a cultura nos últimos dois anos e na migração do cultivo de bulbinhos para as híbridas. Entretanto, os investimentos foram

limitados pela estiagem que atingiu a região Sudeste em boa parte deste ano. Quanto ao calendário da temporada, as atividades de campo começaram com 20 dias de antecedência, pois agricultores se programaram para ofertar a cebola em outubro e novembro, quando são esperados valores mais remuneradores por conta da baixa disponibilidade nacional. Quanto à produtividade, a expectativa é que fique dentro da média da região. Isso porque mesmo com chuvas isoladas em setembro, época de desenvolvimento da cultura, agricultores conseguiram compensar com a irrigação. A temporada de cebola em Piedade deve seguir até o início de dezembro, quando o volume pluviométrico geralmente aumenta, impedindo um maior avanço do calendário.

Nordeste pode ofertar até janeiro/15

As regiões nordestinas produtoras de cebola seguem em colheita neste mês. O Vale do São Francisco, por não ter apresentado bons resultados no primeiro semestre, se mantém com oferta moderada até novembro. Já produtores de Irecê (BA) devem seguir colhendo bons volumes de cebola até novembro, já que estimam baixa disponibilidade no mercado doméstico nos meses de outubro e novembro, podendo se beneficiar com melhores cotações. Alguns produtores baianos estão arriscando ainda mais e programaram a colheita entre dezembro/14 e janeiro/15, com a expectativa de que os bulbos de outras regiões não cheguem a abastecer o mercado do Nordeste. Vale lembrar que em Irecê houve recuperação dos níveis dos reservatórios no primeiro semestre, o que permite a possível expansão no calendário de oferta. Quanto aos preços, têm apresentado melhora no segundo semestre. No Vale do São Francisco, a média das cotações da cebola na parcial do semestre (de julho a setembro) teve alta de 45% em relação aos primeiros seis meses do ano. Esse aumento nos preços deveria seguir nos próximos meses, já que poderá haver baixa disponibilidade nacional, entretanto os bons preços vêm sendo ameaçados por conta das importações europeias.



Preço sobe pelo 4º mês consecutivo

Preços médios recebidos por produtores de Irecê pela cebola híbrida na roça - R\$/kg

Fonte: Cepea



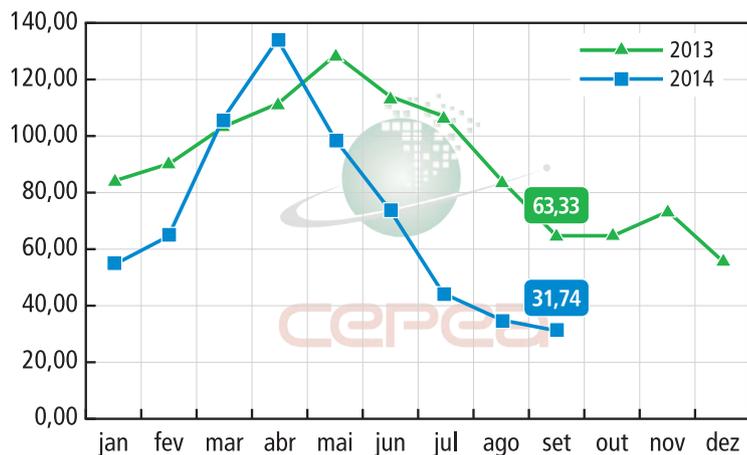


Plantio da safra das águas 2014/15 se intensifica no Sul

Picos de cultivo em Bom Jesus e Água Doce são previstos para novembro

Produtores de Água Doce (SC) e Bom Jesus (RS) devem intensificar o plantio de batata da safra das águas 2014/15 em outubro. Após iniciarem aos poucos o cultivo em setembro, plantando 5% da área total, os trabalhos devem ser acelerados até novembro, marcando o pico de plantio da temporada. Até o final de novembro, ambas as regiões devem cultivar de 65 a 70% da área prevista, com atividades mais concentradas no próximo mês. Em Bom Jesus, as chuvas ocorridas em setembro interferiram nos trabalhos de preparo do solo, o que atrasou um pouco o planejamento dos produtores da região. As precipitações têm preocupado os bataticultores gaúchos, pois as chuvas de setembro e as previstas para outubro podem causar podridão na batata. Já em Água Doce, apesar das precipitações ocorridas em setembro, o calendário não foi afetado significativamente. O cultivo só deve ser encerrado em janeiro tanto em Bom Jesus quanto em Água Doce, coincidindo com o início da colheita da safra das águas. Devido aos resultados negativos na última temporada, produtores de Bom Jesus devem reduzir em 10% a área cultivada nesta temporada. Em contrapartida, a área em Água Doce deve ser 10% superior na mesma comparação, após dois anos de bons resultados.

Plantio da segunda safra de Guarapuava começa no próximo mês



Cotações continuam em queda em setembro

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - 36,17 R\$/sc de 50 kg

O plantio de batata da primeira parte da safra das águas 2014/15 em Guarapuava (PR) se encerra em outubro, com o início da segunda parte previsto para o mês seguinte. O cultivo da primeira etapa começou em setembro, mês no qual 60% da área foi finalizada. Tais atividades estiveram dentro do cronograma dos produtores, mesmo com alguns dias chuvosos durante o plantio. Para a segunda parte da safra, o pico deve ocorrer entre novembro e janeiro, quando 90% da área deve ser cultivada, encerrando as atividades em fevereiro. Devido ao bom nível tecnológico ao clima favorável, as lavouras da região normalmente têm produtividade acima da média, e por isso têm grande influência no mercado durante a safra das águas. Em termos de área da segunda parte da temporada, esta deve ser ligeiramente superior à da anterior. Esse aumento é resultado dos melhores preços da batata nos últimos anos, e só não é superior em razão dos preços atuais, que não encorajam maiores investimentos. Produtores de Guarapuava devem iniciar a colheita de batata em dezembro, e seguir até maio.

Safra de inverno de Vargem Grande tem rentabilidade comprometida

O resultado da safra de inverno 2014 não foi nada animador para os produtores de Vargem Grande do Sul (SP). Isso porque a concentração da colheita de batata nas regiões de Cristalina (GO), Sul de Minas Gerais e Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, elevada produtividade e área cultivada, resultaram em preços abaixo dos custos durante toda a temporada. A safra na região paulista se iniciou em julho, quando as cotações ficaram 2,9% abaixo do valor mínimo para cobrir os gastos com a cultura. Já em agosto, os preços médios foram 21,06% menores que o desembolso. A rentabilidade só não foi mais pressionada graças à melhora significativa na produtividade em Vargem Grande do Sul. Em setembro, o valor pago aos produtores paulistas foi de R\$ 16,05/sc de 50 kg, o menor valor registrado no ano e 41% abaixo dos custos. Com a desaceleração do ritmo de colheita nas demais regiões produtoras, as cotações podem ser mais atrativas ao bataticultor em outubro, quando 15% da área com a cultura deve ser colhida.



Fonte: Cepeca



Curta a página da HF Brasil no Facebook!

@revistahortifrutibrasil



“Utilizamos o CopperCrop™ na batata e vemos os resultados na lavoura, com plantas mais fortes. Colhemos um produto final com maior vida de prateleira, comparado com os que não usamos Alltech Crop Science. E é isso que buscamos, um produto final com mais qualidade e mais saudável para o consumidor.”

José Augusto Vieira
ADF Rural,
Formosa-GO

Conheça mais histórias de sucesso em:
pt.alltech.com/historiasdocampo



O CopperCrop™ é resultado da inovadora Tecnologia RESS (Rápido, Eficiente, Sistemico e Seguro) que confere a máxima qualidade no fornecimento de Cobre (Cu), promovendo melhor desempenho à cultura da batata.

Alltech®
CROP SCIENCE

É NATURAL CRESCER COM A GENTE

www.alltechcropscience.com.br

AlltechLA

@AlltechBR



À espera de chuva, produtores de SP planejam transplante de verão

Transplante de mudas de verão só ganhará ritmo com chuva

Produtores de folhosas das regiões paulistas de Mogi das Cruzes e Ibiúna estão otimistas com previsões indicando chuvas em volume mais elevado a partir de meados de outubro, já que muitos pretendem iniciar o transplante da safra de verão 2014/15 até o final do mês. Nas últimas semanas de setembro, já foi observado aumento nas vendas de mudas de alface nessas praças em relação ao início do mês. Segundo viveiristas de Mogi das Cruzes e de Ibiúna, de agosto para setembro, houve crescimento de 20%, em média, nos pedidos feitos por produtores de folhosas. Apesar de ser característico desta época do ano, o aquecimento no comércio de mudas ocorreu em menor ritmo quando comparado com os anos anteriores. Este fato pode ser explicado pela falta de chuva e também pelos baixos preços do produto em 2014. De acordo com produtores, apesar de os pedidos de mudas já terem sido iniciados, o transplante pode ser adiado caso não chova em volume suficiente em outubro.

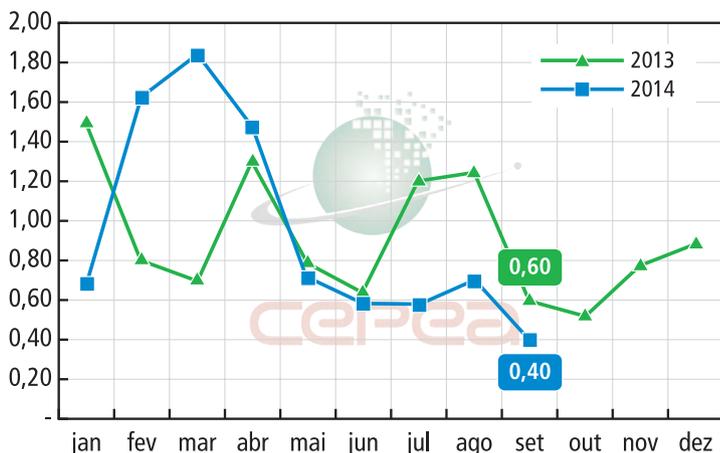
Descartes e sobras chegam a 30% da produção de setembro

Temperaturas mais elevadas em setembro resultaram em sobra e descarte de até 30% do total ofertado de folhosas nas roças de Mogi das Cruzes e Ibiúna e no atacado paulistano (Ceagesp). A temperatura esteve aproximadamente 7,2% acima da média histórica para setembro, que é de mínima de

14°C e máxima de 24°C nas duas regiões. Temperaturas mais elevadas aceleram o desenvolvimento da folhosa, aumentando a oferta. Além disso, o volume de chuva, que, apesar de ter ficado 30% acima da média histórica em setembro, segundo a Somar Meteorologia, acabou favorecendo a produção por conta da longa seca, o que também influenciou o aumento da oferta. Alguns agentes também relataram a incidência do "chocolate", principalmente na variedade americana, doença transmitida por uma bactéria (que age em altas temperaturas, em lavouras com irrigação em excesso e de solo com elevada acidez) que causa manchas pretas e podridão interna. As perdas relacionadas ao "chocolate", no entanto, não limitaram as sobras de alfaces em setembro. Diante deste cenário, pelo menos até meados de outubro, o mercado deve continuar com oferta elevada de folhosas e com preços baixos.

Vendas de hidropônicas são fracas em setembro

Assim como observado à alface produzida no campo, as vendas de folhosas cultivadas em sistema de hidroponia foram fracas em setembro. As sobras foram significativas para as folhosas hidropônicas, que também somaram 30% do total ofertado em Mogi das Cruzes e em Ibiúna no mês. Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, setembro e outubro normalmente registram oferta elevada. Isso porque, nesse período, a alface já começa a apresentar um crescimento mais rápido, devido à elevação das temperaturas com a chegada da primavera, acelerando o desenvolvimento da folhosa. Além disso, as perdas de alfaces hidropônicas por conta de doenças ocorrem em proporção bem menor que as convencionais. Com isso, foi inevitável o descarte de algumas alfaces hidropônicas, que acompanharam o cenário da folhosa do campo. Mesmo com as vendas aquém do esperado em setembro, as cotações ao produtor se sustentaram. No mês passado, tanto a alface lisa quanto a crespa (hidropônicas) foram comercializadas por R\$ 12,00/cx com 20 unidades nas roças de Mogi das Cruzes, valor semelhante ao negociado em agosto.



Após recuperar, preço reduz em setembro

Preços médios de venda da alface americana no atacado de São Paulo - R\$/ unidade

Fonte: Cepea

Alface Mimosa IMPERIAL

- Resistência a Míldio e ao LMV
- Boa tolerância ao pendramento precoce
- Excelente pós-colheita

www.AGRICULTAR.com.br

TOPSEED Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

ALFACES AMERICANAS DE VERÃO. QUALIDADE EAGLE, FAÇA CHUVA OU FAÇA SOL.

Em parceria com produtores como o Carlos Percicoti, a Eagle Flores desenvolve um trabalho de melhoramento e aclimação das variedades para as condições brasileiras. Como resultado deste trabalho, temos excelentes materiais para verão. Com boa tolerância a chuvas, doenças bacterianas e calor.

Carlos Percicoti
São José dos Pinhais - PR



Há dois anos a empresa de sementes
que mais cresce no mercado de alfaces.





Plantio no RN/CE para o fim de 2014 deve ser menor

RN/CE está em pico de plantio

Entre setembro e outubro, ocorre o pico de plantio de melão na região produtora da Chapada do Apodi (RN)/Baixo Jaguaribe (CE). Segundo levantamentos do Hortifruti/Cepea, o plantio nestes meses corresponde a cerca de 35% do total cultivado durante o ano na região. Com a elevação da demanda entre novembro e dezembro, sobretudo devidos às festas de fim de ano, melonicultores aumentam as atividades nesse período, já que o ciclo da fruta é de cerca de 60 dias. Os melões colhidos a partir de meados de novembro devem ser enviados ao exterior, tendo em vista que somente a viagem de navio é de aproximadamente 15 dias. Já para as festas de final de ano no mercado brasileiro, são destinados os melões colhidos em dezembro. Porém, com a escassez de água na região, menos mudas devem ser transplantadas no campo em setembro/outubro frente ao mesmo período do ano passado. Assim, no geral, a área total do RN/CE deve recuar até o final da safra – alguns produtores já a tinham reduzido desde o início da temporada; outros passaram a diminuir o cultivo a partir de setembro. Neste cenário, a oferta pode se reduzir nos próximos meses, alavancando os preços da fruta.

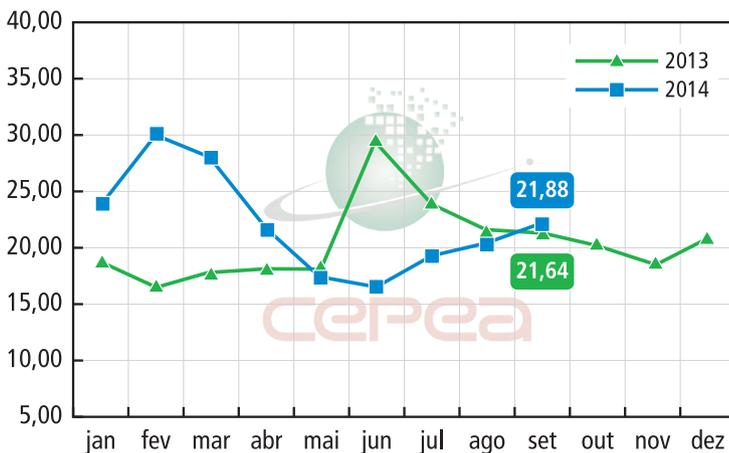
Cotações seguem em alta no Vale

Em outubro, produtores do Vale do São Francisco (BA/PE) também devem intensificar o plantio de melão para as festas de final de ano. Porém, a área deve ser menor que a do mesmo período

do ano passado, porque muitos produtores estão desestimulados por conta da maior concorrência com o RN/CE. De modo geral, o cenário tem sido favorável aos agentes do Vale. Com a diminuição do volume colhido nesta região nos últimos meses, a demanda tem superado a oferta, visto que o clima tem sido favorável ao consumo de frutas. Assim, as cotações no Vale seguem firmes e acima do valor mínimo estimado por produtores para cobrir os custos com a cultura. Em setembro, por exemplo, o melão amarelo tipo 6 e 7 foi comercializado, em média, a R\$ 20,05/cx de 13 kg, 40% superior aos custos estimados e 20% acima dos valores de venda de agosto/14. A expectativa para os próximos meses é que as cotações sigam firmes, pois a oferta deve se manter.

Temporada de exportações 2014/15 começa com volume maior

Os embarques da safra 2014/15 foram maiores neste início de temporada se comparados aos do mesmo período da anterior. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), em agosto e setembro, o Brasil exportou 34,6 mil toneladas, 3% acima do enviado no mesmo período da safra 2013/14. Em receita, os embarques somaram US\$ 28,2 milhões, alta de 1,7% na mesma comparação. Dentre os importadores, o que apresentou aumento no período foi o bloco europeu, com 33,6 mil toneladas, 3,8% superior ao total enviado para o bloco em agosto e setembro/13. Outro fator que tem sido positivo para o País nesta safra são os preços. Segundo o Serviço de Comercialização Agrícola do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (AMS/USDA), em setembro deste ano, o melão amarelo brasileiro foi cotado a US\$ 15,50/cx de 10 kg, em média, no porto de New Convent Garden, no Reino Unido, enquanto que, em setembro do ano passado, a média foi de US\$ 14,16/cx de 10 kg. Neste ano, o novo comprador da fruta da fruta brasileira é o Chile; porém, até agosto, o país ainda não havia comprado melão brasileiro, segundo a Secex.



Cotações sobem em setembro

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 na Ceagesp - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea



Leia o blog da HF Brasil e fique atualizado!

hortifrutibrasil.blogspot.com



Incidência de *sigatoka* eleva custos no Vale do Ribeira

Custos aumentam no Vale do Ribeira

Preocupados com o elevado índice de *sigatoka* negra entre maio e julho, bananicultores do Vale do Ribeira (SP) estão investindo mais em tratamentos culturais neste mês, na tentativa de evitar um novo surto da doença com a chegada do período chuvoso. Conforme relato de produtores, a incidência de *sigatoka* aumentou devido às altas temperaturas, que levaram à rápida evaporação dos produtos químicos aplicados nas plantações ao longo deste ano. A menor quantidade de defensivos, por sua vez, deixou os bananais mais vulneráveis a doenças. Agora, com a intensificação de pulverizações em agosto, os custos de produção de banana na região paulista aumentaram 83,5% ante julho. Em setembro, porém, produtores afirmaram gastar valor semelhante a agosto com a produção. Apesar disso, ao longo deste ano, o número total de pulverizações deve se manter se comparado ao de 2013, já que, no início de 2014, as aplicações foram menores. Apesar da elevação dos custos de produção, a rentabilidade unitária ao produtor paulista deve permanecer positiva. Com a menor oferta da variedade nanica em setembro, as cotações superaram em 62,5% o valor mínimo estimado por produtores para cobrir os custos de produção com a cultura.

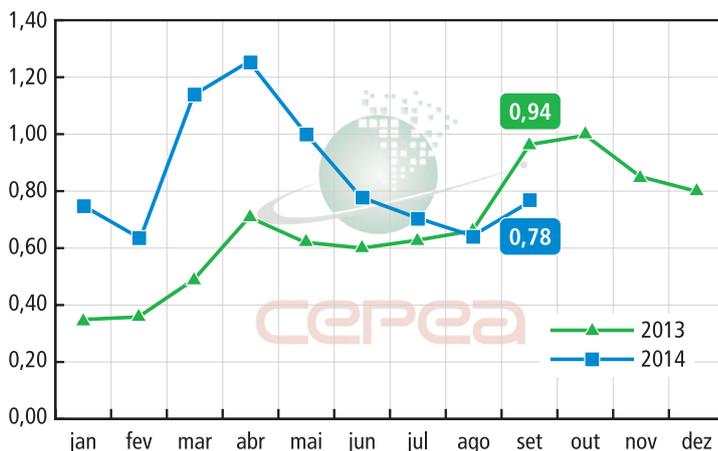
Exportações brasileiras ao Mercosul crescem em setembro

O volume de banana nanica tem sido maior nas roças de Santa Catarina. A elevada oferta tem pressio-

nado as cotações da fruta na região, tornando os preços competitivos no mercado internacional. Além disso, o aumento da oferta da banana nanica no Norte de Santa Catarina também possibilitou o crescimento dos envios da fruta ao bloco em agosto e setembro. O total de banana embarcado pelo Brasil ao Mercosul em setembro foi 19% maior que o de agosto e 94% superior ao de setembro do ano passado, de acordo com a Secex. Com relação à receita obtida com as vendas em setembro, aumentou 19% em relação a agosto e 157% frente a setembro de 2013. Na parcial deste ano (de janeiro a setembro), o volume exportado também aumentou, somando 38 mil toneladas, 3% maior frente ao do mesmo período de 2013, e a receita subiu consideravelmente (46%) na mesma comparação ainda conforme dados da Secex. Para os próximos meses, no entanto, os embarques podem se reduzir, devido à possível diminuição no volume de banana no norte catarinense.

Equador exporta 250% mais para a China

As exportações de banana do Equador para a China totalizaram 70 mil toneladas no primeiro semestre deste ano, expressivo aumento de 250% frente ao mesmo período de 2013, segundo notícia veiculada pelo *Fresh Plaza*. Tufões que atingiram várias regiões do país oriental comprometeram a produção da banana, impulsionando as cotações da fruta chinesa desde março. Esse cenário, por sua vez, tem elevado a procura pela fruta no exterior. Os bananais das Filipinas, um dos principais fornecedores da fruta para a China, também foram prejudicados por adversidades climáticas. Com isso, os preços da fruta estão elevados no mercado internacional. Em meio a esse contexto, o Equador encontrou a oportunidade perfeita para negociar com a China. Para agentes do setor, os baixos preços da fruta produzida no continente Sul-Americano compensam o longo período de transporte entre os dois países, que dura de 30 a 40 dias. Com início da nova safra chinesa em outubro, espera-se que os preços da banana no país caiam, limitando as importações do Equador até o final do segundo semestre.



Preço sobe com menor oferta de nanica em setembro

Preços médios recebidos por produtores do Vale do Ribeira pela nanica - R\$/kg

Fonte: Cepea



Curta a página da HF Brasil no Facebook!

@revistahortifrutibrasil

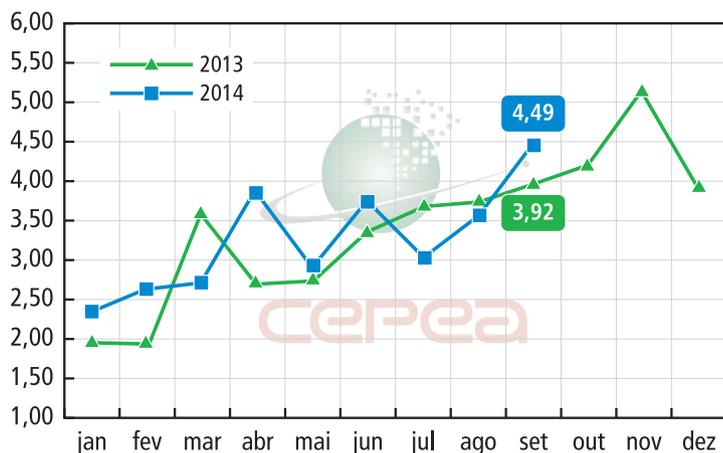


Oferta de uva pode ser mais escalonada no final de 2014

Viticultores estão otimistas quanto à safra de fim de ano

Nas regiões paulistas de Campinas (Indaiatuba e Louveira), São Miguel Arcanjo, Pilar do Sul e Porto Feliz já foram realizadas praticamente todas as podas para a temporada de final de ano. Viticultores dessas praças informaram que estão otimistas pois, até o início de outubro, os parreirais estavam apresentando bom desenvolvimento. Além disso, produtores esperam que a oferta de uva não apresente concentração de produção. Em setembro os parreirais paulistas se encontravam em diferentes estágios de desenvolvimento – devido ao escalonamento das podas. Para Campinas, a expectativa é de que a safra de fim de ano se inicie já no final de novembro, enquanto que em São Miguel Arcanjo, a previsão é de que a colheita da niagara comece na primeira quinzena de dezembro e a de uvas finas, em janeiro/15. Já na região de Pilar do Sul e Porto Feliz, a colheita deve começar em meados da segunda quinzena de dezembro. Em relação aos parreirais paranaenses do norte do estado, Rosário do Ivaí e Marialva, a previsão também é otimista, visto que as plantas também estavam em diferentes estágios de desenvolvimento. A expectativa dos viticultores paranaenses é de que a temporada se inicie nas últimas semanas de novembro, quando Jales (SP) e Pirapora (MG) já devem ter terminado suas respectivas safras.

Jales e Pirapora em pico de colheita



Jales (SP) e Pirapora (MG) estão em pico de colheita. Produtores informaram que o aumento na produção se iniciou na segunda quinzena de setembro e deve se estender até o final de outubro. Apesar da elevação na oferta, as cotações nessas regiões ainda não reduziram, ao menos até o início de outubro. Isso porque Pirapora está com uma disponibilidade de uva menor que a prevista inicialmente, pois passou por um intervalo de colheita no início de setembro, escalonando a produção local. Assim, a menor disponibilidade em Pirapora compensou o aumento na oferta em Jales. Além disso, a qualidade da fruta tem sido considerada satisfatória por agentes, o que estimula a comercialização. A previsão de viticultores é de que a colheita em ambas as regiões se estenda até meados de novembro, quando o Paraná e a região de Campinas devem iniciar suas respectivas safras de final de ano.

Produtores do Vale podem priorizar mercado doméstico

As exportações brasileiras de uva podem ser menores neste ano em comparação aos embarques de 2013. Segundo viticultores do Vale do São Francisco (BA/PE), as cotações mais remuneradoras do mercado interno podem limitar os envios neste segundo semestre. Com a menor produtividade no Vale, a oferta pode ser 20% menor neste ano. Essa menor disponibilidade da fruta tem elevado as cotações domésticas, que estão ficando mais atrativas que as exportações, mesmo com a recente valorização do dólar frente ao Real. Em setembro, o preço médio da uva Itália no contentor do Vale foi de 2,73/kg, valor 45% maior na comparação com o mesmo período de 2013. Produtores consultados pela Revista Hortifruti Brasil informaram que já estão destinando parte da uva que seria exportada para a comercialização doméstica. Além disso, a maior concorrência pelos mercados consumidores dos Estados Unidos e da União Europeia também pode limitar os envios. Em 2013, as exportações brasileiras de uva foram de pouco mais de 43 mil toneladas, gerando uma receita de US\$ 102 milhões, segundo a Secex.



Oferta menor valoriza niagara

Preços médios recebidos por produtores pela uva niagara - R\$/kg

Fonte: Cepeca



Leia o blog da HF Brasil e fique atualizado!
hortifrutibrasil.blogspot.com

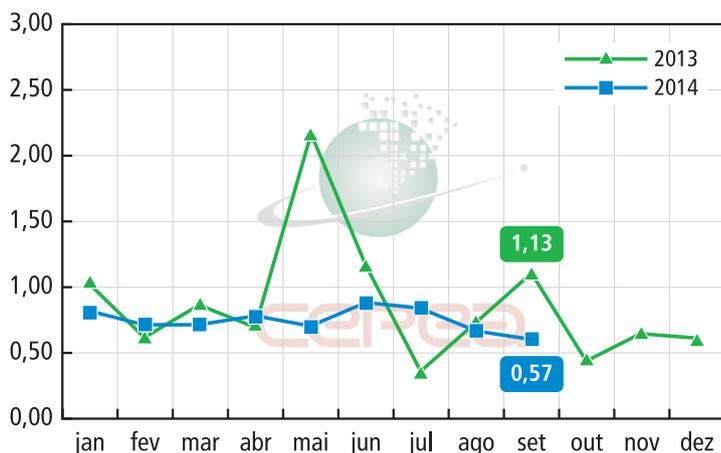


Oferta deve aumentar em outubro

Maior disponibilidade deve pressionar valor do mamão

Com o aumento das temperaturas em outubro, a expectativa é que a oferta de mamão aumente em todas as regiões produtoras acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea. Com isso, as cotações da fruta podem cair neste mês. Segundo produtores, se o aumento na oferta ficar dentro do previsto e o mercado continuar desaquecido, pode haver sobras de frutas nas roças. Neste ano, o maior volume ofertado e a demanda desaquecida, por conta de problemas de qualidade, têm resultado em cotações menos remuneradoras aos produtores frente aos valores de 2013. Na parcial de 2014 (de janeiro a setembro), o preço médio do mamão havaí tipo 12 a 18 comercializado no Espírito Santo está 113% abaixo do verificado no mesmo período do ano passado. Na transição entre o inverno e a primavera, já houve aumento na oferta de mamão, mas ainda aquém da expectativa inicial de agentes do setor. Isso porque a amplitude térmica esteve elevada, especialmente no fim do inverno. Os dias foram de temperaturas em torno de 30°C no estado capixaba, o que acelerou a maturação da fruta, mas as noites ainda foram frias (cerca de 15°C) e com ventos fortes na maioria das regiões produtoras, causando até desfolhamentos do mamoeiro.

Qualidade melhora, mas parte da fruta ainda pode apresentar mancha fisiológica



Maior oferta pressiona cotações em setembro

Preços médios recebidos por produtores pelo mamão havaí tipo 12-18 - R\$/kg (exceto RN)

Fonte: Cepea

A oferta de mamão com baixa qualidade deve se persistir em outubro, mas em menor volume frente a setembro. Com os fortes ventos nas noites de setembro em todas as regiões produtoras, houve desfolhamento de mamoeiros. Esse cenário e a forte incidência de sol nas frutas durante o dia elevaram a quantidade de mamões com mancha fisiológica e “pele de sapo”. Em setembro, o descarte de mamão com este problema chegou a 30% da produção em algumas regiões. Para outubro, a mancha fisiológica ainda pode persistir, já que as frutas que estão mais abaixo dos pés e que serão colhidas até meados do mês já enfrentaram os mesmos problemas com o clima. Mas, para a segunda quinzena de outubro, a incidência deve diminuir. Mamoneiros relataram que a mancha fisiológica não é prejudicial à fruta e que somente é uma resposta à elevada incidência do sol. Segundo esses produtores, este não é um problema de qualidade e, sim, no visual da fruta. Porém, o mamão perde valor comercial quando apresenta algum tipo de deformação, e mercados mais exigentes não aceitam comercializar este tipo de fruta.

Exportações seguem firmes

A expectativa de produtores é que, com a melhora gradativa da qualidade do mamão em outubro, as exportações da fruta aumentem no período. Em setembro, os embarques já superaram os do mês anterior. O aumento já era esperado por agentes de mercado, já que, com o final do inverno, a disponibilidade de frutas foi maior. Vale ressaltar, no entanto, que a menor qualidade, por conta da mancha fisiológica, tem limitado os envios. Na parcial deste ano (de janeiro a setembro), exportadores brasileiros enviaram 24 mil toneladas da fruta ao mercado internacional, volume 16% maior que o do mesmo período de 2013, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). A receita obtida com as exportações no período foi de US\$ 35,3 milhões, valor 14% superior à de janeiro a agosto do ano passado. A União Europeia continua como a maior compradora da fruta brasileira, com 82% de participação.



Curta a página da HF Brasil no Facebook!

@revistahortifrutibrasil



Participação das tardias na moagem deve aumentar neste mês

Entrega de precoces foi encerrada em setembro

A laranja pera está em plena safra no estado de São Paulo e desde a primeira quinzena de setembro já é maioria entre as variedades processadas. Durante a maior parte de agosto, as precoces ainda tiveram participação significativa entre as frutas esmagadas pela indústria. Para outubro, a expectativa é que a pera continue sendo a mais processada, mas a participação das tardias (principalmente valência e natal) deve aumentar significativamente. Quanto aos preços, as grandes indústrias ofereceram para a pera e as tardias valores entre R\$ 10,00 e R\$ 11,00/cx de 40,8 kg, colhida e posta, podendo contar com adicional de participação.

Volume de suco exportado na safra 14/15 pode se manter

Na parcial da temporada atual (julho a setembro/14), as vendas de suco ao exterior recuaram 6% na comparação com a anterior, segundo a Secex. Contudo, a expectativa geral de colaboradores é que as exportações durante a safra 2014/15 (julho/14 a junho/15) fiquem próximas das verificadas na anterior. Assim, há expectativa de que os embarques nacionais se recuperem nos próximos meses. Isso porque, apesar de a demanda nos varejos norte-americano e europeu estar em queda, a redução nos estoques das indústrias da Flórida deve impulsionar a importação de suco brasileiro. Além disso, a oferta geral da Flórida e de SP deve diminuir em maior proporção que

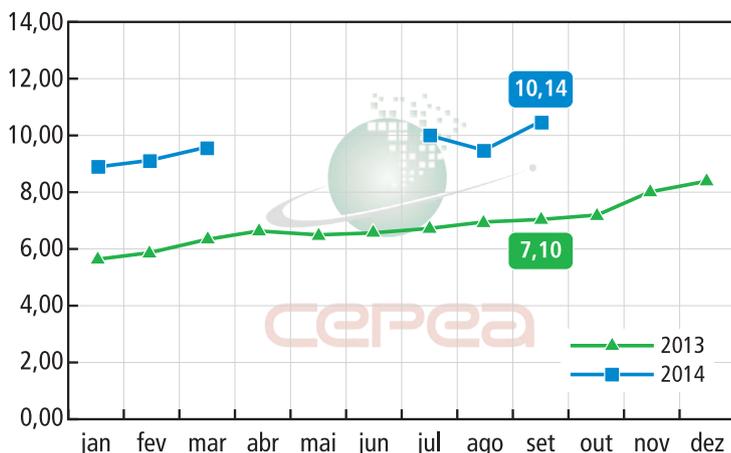
o consumo mundial. Espera-se, ainda, aumento nas vendas de suco nacional aos países emergentes.

Novas chuvas induzem floradas em SP

As chuvas verificadas em praticamente todo o estado de São Paulo na segunda quinzena de setembro trouxeram benefícios ao desenvolvimento dos pomares de laranja. Além de recuperar parte do vigor, as plantas, principalmente as de sequeiro e as que não haviam florido significativamente na primeira quinzena, registraram boas floradas após as precipitações. Contudo, as chuvas abaixo da média durante boa parte de 2014 fizeram com que o solo ficasse bastante seco, debilitando as plantas de laranja. Dessa forma, o otimismo gerado pelas boas floradas acaba sendo limitado por temores quanto ao “pegamento”, que pode ser prejudicado pelo menor vigor das árvores.

Número de árvores na Flórida cai pelo 10º ano seguido

A quantidade de pés de laranja na Flórida caiu pelo 10º ano seguido, para 60,5 milhões de árvores, segundo o USDA. Em relação a 2013, a redução foi de apenas 1%, mas em comparação com 2000 (último ano em que foi registrado aumento no número de plantas), a queda foi de expressivos 31%. Já a quantia de árvores novas subiu 15,7% em relação a 2013, reflexo dos replantios devido ao *greening*. O replantio pode ser visto como um sinal de interesse de produtores em seguir na cultura, mas ainda precisa ser mais intenso para compensar as erradicações, os abandonos de área e as significativas perdas de produção causadas pela doença. Muitos produtores norte-americanos tiveram dificuldade em realizar investimentos, pois os custos se elevaram significativamente com a necessidade de tratamentos para controle do *greening*. Apesar do aumento nas áreas abandonadas, Tom Spreen, professor emérito da Universidade da Flórida, disse em entrevista ao *The Ledger* que este cenário não indica uma saída em massa da citricultura da Flórida.



Preço na indústria segue superior a 2013

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera e tardias - R\$/cx de 40,8 kg, colhida e posta na indústria

Fonte: Cepea



Leia o blog da HF Brasil e fique atualizado!
hortifrutibrasil.blogspot.com



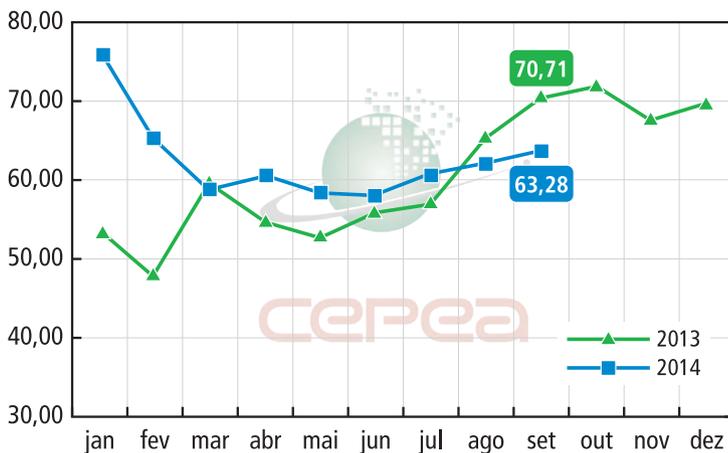
Oferta de fuji deve aumentar em outubro

Algumas câmaras de fuji têm podridão carpelar

Com a finalização dos estoques de maçã gala, o foco de agentes está no escoamento da fuji em outubro. De acordo com produtores do Sul do País, em setembro algumas câmaras de armazenamento de fuji já foram abertas. De maneira geral, essa variedade tem qualidade maior frente à gala, especialmente quanto à coloração da casca e pressão de polpa. Contudo, produtores relatam que a ocorrência de podridão carpelar foi significativa, tendo em vista que, em setembro, a oferta de maçãs fuji conservadas em câmaras de atmosfera convencional foi elevada. Neste mês, com a abertura de câmaras de atmosfera modificada de fuji, o esperado por agentes é de que a ocorrência de podridão seja reduzida – vale ressaltar que esse tipo de avaria é natural da fuji, devido à maior sensibilidade frente à gala.

Chuvas podem afetar polinização

Com a finalização da quebra de dormência e o pico da florada, as atividades de campo em outubro devem ser concentradas na polinização. Porém, segundo estimativas do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (Cptec/Inpe), entre outubro e novembro pode chover acima do considerado normal no Sul do País, que é de 271 mm em Fraiburgo (SC), 286 mm em São Joaquim (SC) e 263 mm em Vacaria (RS). Com mais chuva, o trabalho das abelhas pode ser prejudicado.



Preço está abaixo do esperado no 2º sem

Tipicamente, os preços da maçã nacional aumentam mês a mês no segundo semestre. No entanto, neste ano, as cotações têm registrado altas menos intensas que o esperado por produtores. A expectativa era de que, com a redução da oferta da maçã gala, os preços subissem de forma expressiva. Porém, em setembro, a maçã gala graúda, categoria 1, foi comercializada a R\$ 63,28/cx de 18 kg, em média, na Ceagesp, 4% menor que no mesmo mês do ano passado. Segundo colaboradores do Cepea, alguns produtores ainda comercializaram maçã gala de atmosfera normal em setembro, que já apresentava qualidade comprometida, o que limitou o aumento das cotações. Já para outubro, uma leve reação é esperada, mas não há expectativa de que a fruta nacional atinja os mesmos patamares observados na safra passada – em outubro/13, por exemplo, a maçã gala graúda, categoria 1, foi negociada a R\$ 72,40/cx de 18 kg, em média.

Importações seguem em alta

A compra de maçãs segue a todo vapor neste segundo semestre, acentuada pela redução da oferta nacional. Segundo dados da Secex, o Brasil importou 78,1 mil toneladas entre janeiro e setembro/14. O montante despendido foi de US\$ 74 milhões, acréscimo de 37% no período. Neste ano, a quantidade de maçãs compradas em setembro foi o maior volume até então para este ano – 13 mil toneladas. Os principais países exportadores da fruta para o Brasil são a Argentina e o Chile. De acordo com o relatório mais recente divulgado pelo USDA (em agosto), a safra de ambos os países teve redução devido a intempéries climáticas. A Argentina apresentou recuo mais expressivo, somando apenas 700 mil toneladas de maçãs colhidas, sendo a menor temporada nos últimos 25 anos. Já o Chile teve redução de 8%, somando 1,3 milhões de toneladas.

Baixa qualidade limita aumento do preço em setembro

Preço médio de venda da maçã gala Cat 1 (calibres 80-110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg



Fonte: Cepea



Curta a página da HF Brasil no Facebook!

@revistahortifrutibrasil



Apesar de perdas, safra de SP pode ser maior que a anterior

Chuvas trazem alívio a produtor; safra começa em outubro

A longa seca no estado de São Paulo trouxe reflexos negativos para a safra de manga deste ano. Em Valparaíso/Mirandópolis (SP), o tempo seco afetou significativamente a produção e as perdas devem contabilizar entre 30% e 50% do total que era esperado para ser colhido até o final da safra, em março/15, segundo agentes. Porém, com o início do regime de chuvas em outubro, produtores estão otimistas e não acreditam em novas perdas. Já em Monte Alto/Taquaritinga, a principal região produtora de SP, apesar de a estiagem ter persistido por um bom tempo e ter causado abortamento de frutos, não houve perdas significativas. Produtores de Monte Alto/Taquaritinga devem iniciar a colheita em outubro e encerrá-la em abril/15. Já em Valparaíso, a safra pode seguir até fevereiro. Neste cenário, a temporada em São Paulo, que tinha previsão para superar de forma expressiva a do ano passado, agora pode ser igual ou com volume levemente superior, por conta da boa florada.

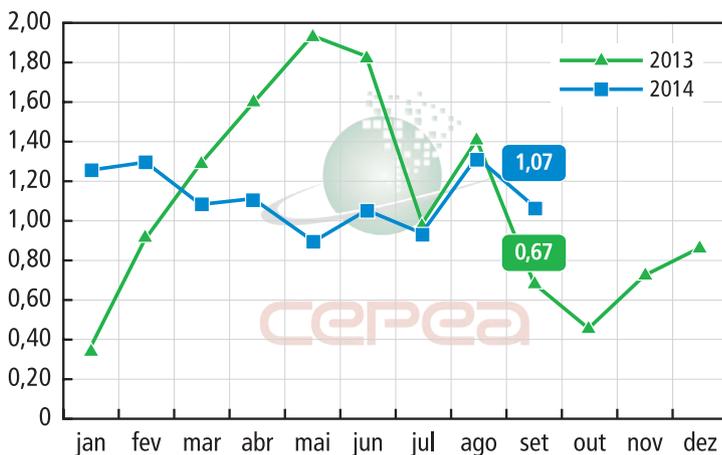
Indústria tem boas expectativas

Com o início da safra paulista 2014/15, começam também as compras de manga por parte das indústrias. Agentes de indústrias de São Paulo estão com boas expectativas quanto à oferta da matéria-prima e acreditam que possa superar à do último ano. Com o atraso da safra no Vale do São Francisco, devido ao clima mais ameno que retardou as floradas, a colheita no Nordeste coincidirá com a

paulista, o que pode elevar a disponibilidade nacional. Quanto aos estoques das indústrias, agentes informam que estão em níveis baixos; portanto, as compras devem ser iniciadas em ritmo acelerado. Nos últimos meses da safra 2013/14, a qualidade de algumas frutas foi comprometida pelas chuvas em excesso nas regiões paulistas. Com isso, o volume de frutas destinadas à indústria foi menor e os preços estiveram superiores aos de 2012/13. A manga *palmer*, entre janeiro e março deste ano, foi negociada na indústria por R\$ 0,27/kg, 23% superior ao negociado no mesmo período da temporada 2012/13.

Exportações para os EUA ganham força em outubro

Os embarques de manga para os Estados Unidos começaram em agosto e deve aumentar em outubro. Porém, nesta safra, o Vale do São Francisco, principal região exportadora, tem volume reduzido. Isso preocupa produtores, pois é nos meses de agosto e setembro que se consegue boa rentabilidade com as exportações. Até outubro, o volume enviado aos EUA tem aumentado gradativamente. De agosto a setembro o Brasil exportou 11,2 mil toneladas da fruta aos norte-americanos, segundo a Secex, gerando receita de US\$ 11,4 milhões, volume 27,6% inferior frente ao exportado no mesmo período de 2013. Em outubro, Equador e Peru, principais concorrentes do Brasil, também iniciam suas respectivas safras e envios. Com isso, os valores obtidos com a exportação da fruta brasileira normalmente recuam a partir deste mês. No entanto, neste ano, exportadores brasileiros podem ser beneficiados, uma vez que a safra equatoriana está atrasada devido a chuvas tardias e temperaturas mais altas durante a florada. A previsão é de que o pico de produção no Equador ocorra somente em novembro. Além disso, o volume de manga peruana para exportação pode cair de 30% a 40% neste ano se comparado ao ano passado, quando o total foi de 136.000 toneladas, segundo a Apem (Associação Peruana de Produtores e Exportadores de Manga). A redução do volume exportado pelo Peru está relacionada às altas temperaturas, que abortaram boa parte das flores.



Preço da *tommy* despenca em setembro

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg

Fonte: Cepepa



Leia o blog da HF Brasil e fique atualizado!

hortifrutibrasil.blogspot.com



ENTREVISTA: Simone de Oliveira

“EM CURTO PRAZO, VEJO UM NOVO PERÍODO DE DIFICULDADE, COM QUEDA DOS PREÇOS. HÁ MUITA BATATA ARMazenADA PARA SER USADA COMO SEMENTE”

Simone de Oliveira é engenheira agrônoma, formada no Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal (Unipinhal/SP). É produtora de batata e gerente comercial da fazenda Campo Vitória, em Vargem Grande do Sul (SP).

Hortifruti Brasil: *Analizamos nesta edição a evolução dos custos na região de Vargem Grande do Sul nos últimos 10 anos. Na estrutura da sua empresa, quais itens mais têm impactado no encarecimento da produção?*

Simone de Oliveira: Temos observado, realmente, que os custos aumentam a cada ano. De forma geral, acho que todos os componentes têm se tornado mais caros. Em nosso caso, um item que tem impactado muito está no “depois da porteira”, que é o gasto com frete. Como nós mesmos comercializamos nossa produção, observamos que o transporte tem pressionado a margem de rentabilidade. Além do transporte, os defensivos e adubos também têm subido muito, além da mão de obra.

HF Brasil: *Diante do aumento dos custos, qual tem sido a estratégia adotada na empresa da sua família?*

Simone: Acredito que cada produtor tem uma determinada estratégia para gerenciar seu negócio. Sempre procuramos comprar antecipado os insumos quando os preços estão mais acessíveis e, quando possível, pagamos à vista. Normalmente, fazemos isso após anos de boa rentabilidade; por outro lado, após uma safra de preços mais baixos, como a atual, a reserva de caixa fica mais estreita.

HF Brasil: *A mão de obra é o item que mais tem pesado nos custos da batata. Como os produtores da sua região têm lidado com isso?*

Simone: Procuramos manter uma turma que trabalha sempre conosco, com o objetivo de gerenciar melhor essa mão de obra. Mas, mesmo assim, sempre é uma questão difícil e complicada. Com o intuito de amenizar problemas com falta de mão de obra, estamos investindo em mecanização, com colheita 100% mecanizada.

HF Brasil: *Apesar de muitos acharem que os custos com arrendamento vêm aumentando significativamente, na média dos nossos estudos, essa alta é menor do que a inflação. Isso coincide com a sua percepção?*

Simone: Temos terra própria e também arrendamos para outros produtores. O acordo que fazemos é que o produtor paga pelo arrendamento um percentual da produção colhida. Assim, em anos em que os preços da batata estão mais altos, recebemos

mais pelo arrendamento. Já nos anos de preços mais baixos, vendemos a batata por menos e também ganhamos menos com o arrendamento. Acredito que esse raciocínio se mantém independente da modalidade de pagamento adotada para o arrendamento.

HF Brasil: *Comparamos a média de custos, dos últimos 10 anos, com a receita média da região de Vargem Grande do Sul, e a conclusão foi que, nesse período, apenas três anos trouxeram resultado positivo. A senhora consegue observar esse cenário na região? Como os produtores têm conseguido continuar na atividade?*

Simone: Sim! Do que conversamos no dia a dia com outros produtores, vemos que muitos estão em situação difícil, com parte do patrimônio já comprometido com dívidas. Muitos produtores já venderam alguns bens para honrar compromissos da bataticultura. Alguns agricultores, de fato, pensam em parar de produzir batata. Alguns adotam como estratégia a produção de outras culturas como forma de dividir o risco, mas o problema é que houve prejuízo também com feijão e milho. Acredito que tem conseguido permanecer na atividade aqueles que trabalham melhor a gestão do seu negócio e sentiram menos impacto do aumento dos investimentos.

HF Brasil: *Quais suas perspectivas para o setor nos próximos anos?*

Simone: Tenho um pouco de dificuldade para visualizar o cenário dos próximos anos. Em curto prazo, em dois anos mais ou menos, vejo um novo período de dificuldade, com queda dos preços. Há muita batata armazenada para ser usada como semente, e não há outro destino desse produto que não seja o plantio de batata. Então, se o produtor que armazena essa semente não a cultivar, ele vai vender e outra pessoa irá plantá-la.

HF Brasil: *Tem mais algum ponto que a senhora gostaria de abordar?*

Simone: Acredito que falta no setor maior coordenação. Acho que as associações existentes deveriam investir mais no sentido de criar ações que consigam organizar melhor a produção de batatas e o seu mercado.



ENTREVISTA: José Daniel Rodrigues Ribeiro

“OS MELHORES E MAIS EFICIENTES ESTÃO SE MANTENDO NA ATIVIDADE E AUMENTANDO A ESCALA DE PRODUÇÃO”

José Daniel Rodrigues Ribeiro trabalha no setor bataticultor há 39 anos. É engenheiro agrônomo formado pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e pós-graduado em Gestão Ambiental e Manejo Agrícola pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). É presidente da Associação dos Bataticultores do Sul do Estado de Minas Gerais (Abasmig).

Hortifruti Brasil: Produzir batata no Sul de Minas tem ficado mais caro ano a ano. Comparando-se a safra 2013/14 com a 2008/09, os custos subiram mais do que a inflação nessa região e, proporcionalmente, mais que em Vargem Grande do Sul (SP). Qual a sua percepção quanto a isso? Quais itens dos custos mais têm impactado no bolso do produtor?

José Daniel Rodrigues Ribeiro: Quanto à comparação do Sul de Minas com Vargem Grande do Sul, acredito que as diferenças são explicadas pela mecanização, escala de produção, mão de obra e declividade das áreas de cultivo. Em Vargem Grande do Sul, o processo de mecanização vem avançando mais que no Sul de Minas, o que acaba aliviando os custos da mão de obra, que hoje é um grande gargalo da bataticultura. Além disso, a escala de produção no Sul de Minas é bastante inferior à da praça paulista, o que torna a região menos competitiva em termos de mecanização e compra de insumos. Com relação aos itens de maior impacto nos custos, sem dúvida, a mão de obra é o que mais tem pressionado. Hoje em dia, é difícil encontrar mão de obra especializada e, no caso do Sul de Minas, há um forte impacto da industrialização sobre a oferta de trabalhadores.

HF Brasil: Observamos que o dispêndio com mão de obra vem aumentando ano a ano acima da inflação, elevando também sua participação na composição dos custos totais de produção. Diante disso, produtores do Sul de Minas têm tomado medidas no sentido de gerenciar melhor a mão de obra?

Ribeiro: Sim, estão investindo na mecanização. Na colheita, por exemplo, utilizavam a colhedora de disco, que “arremessa” a batata. Agora utilizam a de esteira, que já deixa a batata enfileirada, facilitando a catação. Embora a colheita ainda seja semimecanizada com a utilização de *big bags*, já ajuda a reduzir significativamente os gastos com mão de obra frente à colheita e transporte em sacarias. Antes, quando faziam a colheita em sacos, as operações eram mais demoradas e complicadas: tinham de cortar os sacos nas máquinas para despejar as batatas; já com os *big bags*, é muito mais prático, rápido e fácil. Alguns produtores também têm evitado o cultivo em áreas declivosas, que dificultam a mecanização.

HF Brasil: A migração do sistema de colheita semimecanizado para o mecanizado, como forma de reduzir os custos com mão de obra e ganhar competitividade, já é uma realidade na bataticultura. Qual sua opinião sobre mecanização total da colheita para o Sul de Minas nos próximos anos, levando-se em conta a escala de produção e a topografia acidentada da região?

Ribeiro: A ideia hoje, e que deve se manter nos próximos anos, é que é melhor cultivar área um pouco menor com boa produtividade, e a topografia do terreno acaba impactando. Quanto à mecanização, produtores têm outras culturas além da batata e podem aproveitar melhor a mão de obra. Em relação à viabilidade das máquinas dada a escala de produção, acredito que poderão surgir prestadores de serviço, como ocorre na cultura do café. Hoje, não existem porque a mecanização total da colheita ainda não é uma realidade plena, vem sendo implantada mais recentemente pelos produtores de maior escala de produção. Uma das vantagens do Sul de Minas é que, embora não seja uma região tão mecanizada, tem boas condições edafoclimáticas para produzir batata ao longo do ano.

HF Brasil: Diante da alta contínua nos custos, como os produtores do Sul de Minas têm gerenciado o negócio no sentido de melhorar a competitividade?

Ribeiro: Produtores que não tiverem um bom gerenciamento dos custos estarão fora da atividade. Quanto às medidas práticas, acho que a colheita com uso de *big bags* e maior mecanização de outras atividades dentro do possível das escalas de produção têm sido importantes.

HF Brasil: Em dois terços das safras que analisamos, o resultado médio no Sul de Minas foi de receita abaixo dos custos de produção. O senhor vê produtores saindo do setor?

Ribeiro: Sim, tem muitos produtores saindo para outras culturas. Em Bom Repouso, por exemplo, muitos que plantavam batata, hoje plantam morango. Porém, os melhores e mais eficientes estão se mantendo na atividade e aumentando a escala de produção. Aumentou muito a parceria em produção, ou seja, produtores de maior escala financiando os de menor escala. ■

Na teoria,
a tecnologia
do futuro.
Na prática,
maior proteção
e qualidade hoje.



TUCARÉ / COM São Paulo

A força da natureza a favor da qualidade.

Serenade é o fungicida e bactericida biológico da Bayer. Com formulação diferenciada, pronta para o uso e de fácil manejo, além de controlar efetivamente as doenças, Serenade ativa a defesa das plantas melhorando o desenvolvimento e a sanidade e produzindo frutas e hortaliças sem resíduos, com alta qualidade e mais saudáveis. Serenade possui carência zero, permitindo maior flexibilidade entre a aplicação e a colheita. Adicionar Serenade ao seu manejo é ter carência zero e qualidade máxima.

Serenade.
Eficiência sem carência.

ATENÇÃO

Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

**CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO**



Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.
Uso exclusivamente agrícola.



Bayer CropScience

Se é Bayer, é bom

**SEU TOMATE TURBINADO,
DO PLANTIO À COLHEITA.**

MELHOR QUALIDADE
Cantus[®]

MELHOR CLASSIFICAÇÃO
DOS FRUTOS
Cabrio[®] Top

☎ 0800 0192 500
www.agro.basf.com.br

Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Inclua outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Registro MAPA: Cantus[®] n° 7503 e Cabrio[®] Top n° 1303.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



Sistema AgCelence Tomate


The Chemical Company

Dominador,
esse dá show em
qualquer campo.



Tomate híbrido

DOMINADOR F1

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Mala Direta Postal

Básica

0000/2012 - DR/XXXXYY

Cliente

...CORREIOS...

IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829

e-mail: hfcepea@usp.br



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

NOVA studio

Tomate híbrido

DOMINADOR F1

- Alta resistência ao TYLCV (Geminivírus)
- Excelente sanidade de plantas
- Frutos uniformes
- Resistências: Fol: o, 1, For, Mi, Mj, ToMV, TYLCV, Va e Vd

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Tel.: 24 2222 9000

Acesse nosso novo portal
www.agristar.com.br



Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepa@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil